

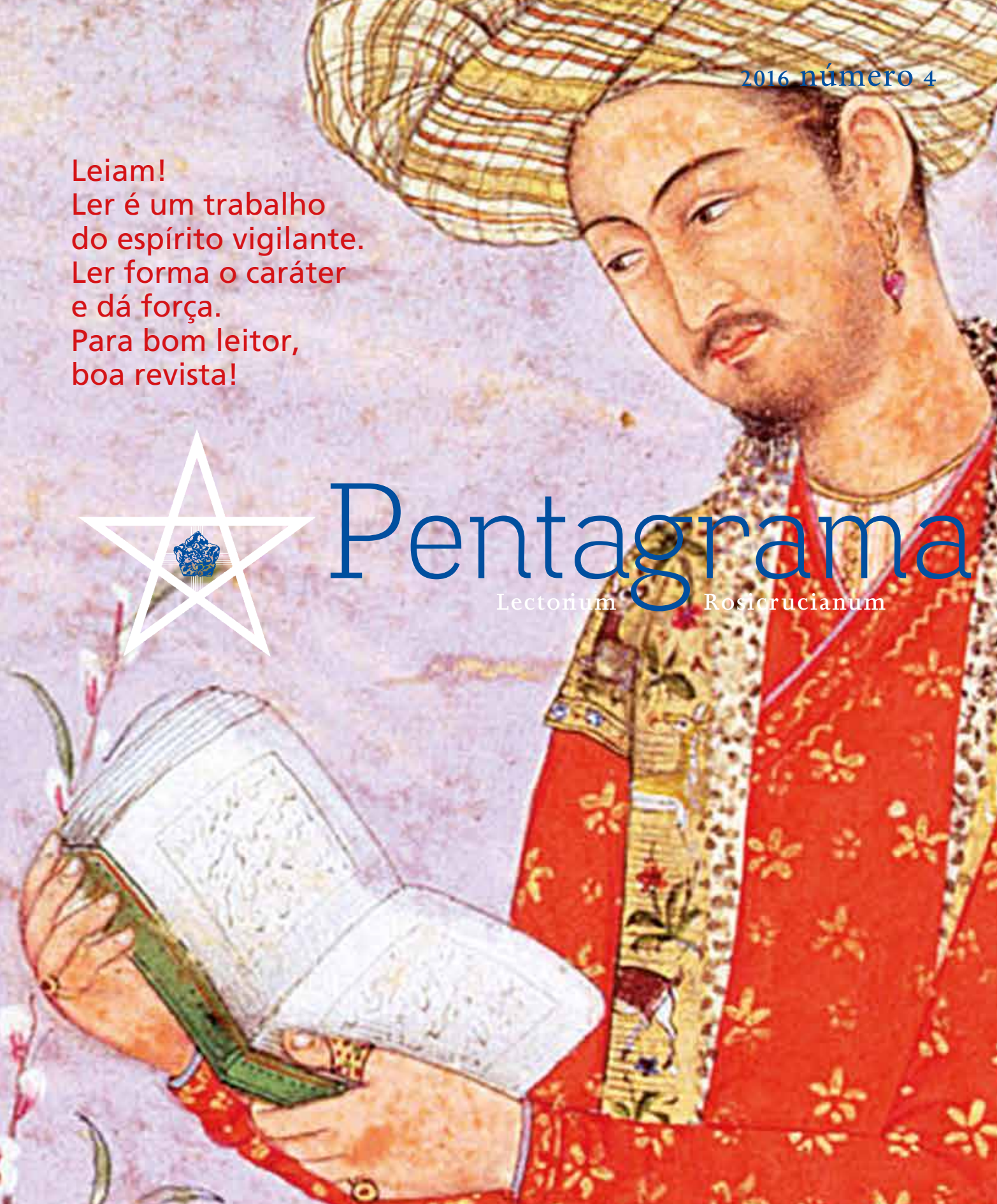
2016 número 4

Leiam!
Ler é um trabalho
do espírito vigilante.
Ler forma o caráter
e dá força.
Para bom leitor,
boa revista!



Pentagrama

Lectorium Rosicrucianum





pentagrama

Pentagrama

“Leiam” – está escrito em destaque na capa. Porque “ler forma o caráter...”. É verdade que a alma vivente – que é sempre o tema principal desta revista – não precisa de um caráter específico para existir. Toda personalidade que se abre para ela é boa! A alma vivente busca sempre o que é mais elevado: ela respira e vive nos éteres puros de uma atmosfera completamente diferente. Seu pensar é a percepção das relações na vida magnífica e grandiosa, cuja essência é simplicidade pura e inteligente. Mas nós, seres humanos pensantes que precisamos fazer um caminho através de uma vida complexa, nos beneficiamos de uma linha de pensamento estruturada, fornecida por textos de qualidade. Textos que lancem uma luz sobre as circunstâncias em que vivemos e que abram uma janela para a imensidão da vida universal.

E, quando esses textos vão além e nos apresentam também um guia sobre a prática da aprendizagem do justo pensar, indispensável para podermos começar a trilhar o caminho da alma, – como acontece, por exemplo, no artigo de James Allen –, é como se nos ofertassem um presente duplo. Este é um presente que vai agradar efetivamente a vocês, os bons leitores que fazem uma boa revista.



Capa

Retrato de Babur (Tigre) (1483 – 1530),
o fundador da dinastia mongol na Índia.

Conteúdo



- 4 **Campos brancos**
J. van Rijckenborgh
- 14 **Contos de fada para 2016**
- 18 **Experiências chocantes**
- 21 **Sobre o Caminho**
- 22 **Iniciação – Iluminação – Libertação**
- 36 **Arminius & Externsteine**
- 54 **Um traço**
- 58 **Primeiros passos na vida superior**
James Allen
-

- 8 **Ponte de luz em Mostar**
Reportagem
- 17 **Dois tipos de tempo para dois mundos**
Coluna
- 42 **O legado de Carl Gustav Jung**
Ensaio
- 56 **O círculo duplo**
Símbolo



Há um conto que se encaixa muito bem no mundo moderno: João e Maria. Afinal, não foram só eles que se perderam pelo caminho! Oriente e Ocidente começaram a se agitar e as ruas estão cheias de viajantes por todo lado. Para viajar em busca de sol e mar o viajante ocidental conta com passagem aérea de volta. Mas qual é a distância a ser percorrida por aquele que perdeu tudo e já não tem onde morar? Não é todo mundo que teve a chance de poder semear miolos de pão e pedrinhas para achar o caminho de volta para casa! Isso vale tanto para o mundo

exterior quanto interior. E quantos caminhos já não foram bombardeados e estão bloqueados? Os primeiros cristãos chamavam a si mesmos de "gente do caminho", caminhantes. É justo aí que reside o segredo, a chave que abre o significado do conto – e da consciência: o Caminho da Verdade (a Verdade tão leve que não precisa tomar posição alguma); o Caminho do Amor (Amor tão grande que nada exclui); e o Caminho da Vida (Vida que está no interior de todo ser que está no Caminho da Realização).



Cymbopogon

Campos brancos



A ordem da Rosa-Cruz, tendo o impulso da corrente universal na retaguarda, estimava, no início do século 20, que o tempo estaria maduro para revelar seus ensinamentos. O Círculo da Rosa Mística foi uma das comunidades de trabalho que concedeu sua ajuda, assumindo a execução de um caminho inteiramente protegido e muito praticável de baixo para cima, traçando um caminho através de tudo, até das terras marginais, para que nenhum microcosmo vazio aí chegasse, porém somente as personalidades purificadas, mudadas e transfiguradas, que pudessem penetrar as regiões da vida verdadeira.

Essa missão incomensuravelmente grande e essencial foi o trabalho voluntariamente aceito da comunidade do Círculo da Rosa Mística. Como um chamado retumbante, ela tomou nas mãos a execução do projeto – evidentemente não poderia ser de outro jeito – ajudada pela corrente universal inteira. No início do trabalho, J. van Rijckenborgh se perguntou: Onde poderíamos encontrar pessoas, almas maduras? Para responder a isso, ele considerou como linha diretriz a sentença clássica do livro de sabedoria por excelência, a Bíblia: "Levante os olhos e veja as nações; elas já estão brancas para a colheita".



J. VAN RIJCKENBORGH

Campos brancos!
Se tentarmos ilustrar as verdades espirituais por meio de imagens tomadas das coisas da natureza, ser-nos-á evidente que o valor de tais imagens é relativo.

Com efeito, jamais podemos determinar essas verdades espirituais utilizando meios emprestados da matéria; no máximo podemos indicar um caminho, com a ajuda do qual será finalmente possível aproximarmo-nos delas. Contra todas as probabilidades, devemos dizer que o valor das similitudes se encontra no fato de que elas são relativas.

Uma semelhança é como um clarão que colore magicamente o objeto em uma fração de segundo. É um apelo atraente, como o da Fada Morgana, uma miragem, que no instante seguinte ressoará novamente de outro modo, e a imagem irreal aparecerá num traje diferente.

E todas essas imagens que passam e esses sons que se elevam suscitam, contudo, uma reação em nosso estado de ser nascido da natureza. Sua relatividade provoca em nós indizível nostalgia do verdadeiro, um desejo sem medida pela imagem atrás do véu, por aquilo que é a realidade.

Essa relatividade é como um agulhão. Ela pode nos impulsionar a um entusiasmo jubilante. Com os braços estendidos e a cabeça ereta, nós nos apressamos ao en-

contro do ideal e o elevamos até a flama. Essa relatividade agita a mística profunda em nós e guia o gnóstico ao conhecimento.

Contudo, na semelhança está dissimulado um perigo que é preciso não subestimar. Se este for mal compreendido, um método incorreto é aplicado, uma visão injusta, e uma profunda tristeza se segue. Então surgem a indiferença ou a incredulidade: Será que a Ordem se enganou? Seremos nós inexperientes a despeito do bom-senso? Campos brancos? Onde podemos encontrá-los? Esse testemunho clássico apoia-se num saber interior. Devemos fazer, como Fausto, que exclama: “Ah, se no espaço existem espíritos, descei dos fluidos de ouro e vesti-me com vosso manto real”?

Mas não, conhecemos a lei gnóstica, ou seja, que não se obtém o conhecimento espiritual, a compreensão, senão pela ação, e com o maior dos esforços. Nada é dado de graça. O que recebemos deve ser ganho. É a psicologia da graça. E isso também é válido para o tornar-se consciente da humanidade inteira, que não acontecerá sem um formidável esforço. O peso da escola do aprendizado é extremamente grande, mas o resultado é a força eternal.

Campos brancos! Não se trata de “tome uma foice e colha, então”. Aqui, um

O pensamento único de Jan van Rijckenborgh e seu grande amor pela humanidade levaram-no, com Catharose de Petri, a fundar uma escola moderna tendo em vista o desenvolvimento da consciência, o Lectorium Rosicrucianum. Eles o fizeram partindo da ideia de que a supressão da falta de conhecimento dos objetivos de nossa existência é a chave para colocar fim ao sofrimento do mundo.

núcleo de 1000 membros, lá outro de 100.000. Não, o grão branco, o grão de fato maduro, é o divino em cada filho dos homens, a centelha divina a caminho de uma individualidade plenamente autocradora.

Deus é luz, e nós somos portadores da luz. Colocai-vos em espírito como um sábio no alto de uma torre. Elevai-vos em visão espiritual bem alto acima da terra, introduzi-vos nas assembleias e reuniões de pessoas e vereis nelas toda sorte de nuances da luz branca de Deus contendo em si todas as cores. E, portanto, os campos brancos são perceptíveis nas maiores profundezas da terra, as espigas de trigo podem ser encontradas no homem mais corrompido, no mais grosseiro bem como no mais civilizado. Essas centelhas de luz foi o que a Ordem viu, e o que ainda vê. Quanto maior a aflição, consciente ou inconsciente, maior é o brilho. E todos os filhos dos homens, onde quer que estejam, onde quer que habitem, formam juntos os campos brancos, tornados visíveis para a visão interior.

Vivemos na noite terrestre, e é somente com o maior esforço e o maior sacrifício que os campos brancos podem ser colhidos. Graças a um sistema judicioso e aos esforços de trabalhadores, comunidades são estabelecidas por toda parte no mundo, onde os que pertencem aos campos brancos podem vir para desen-

volver a luz interior, imergir no centro de força a fim de receber coragem e energia para efetuar o trabalho exaustivo. Aqui podemos nos elevar à nova aurora. Aqui podemos juntos fortalecer sempre a força interior irradiante de cada núcleo.

Não pensem que tal local se eleva do Lectorium Rosicrucianum. Cada um deles existe na medida da força interior que devemos possuir para formar um lugar de colheita dos campos brancos. Quanto mais numerosos e concentrados formos, melhor poderemos trabalhar. Os campos estão brancos para serem colhidos? Para os que sabem, isso é evidente. É um fato. Vamos, portanto, ao encontro da luz branca, para liberá-la dos pesados laços e guiá-la até a nova aurora. ✪

Ponte de luz em Mostar

NOVO CENTRO DE CONFERÊNCIAS NA BÓSNIA

No dia 18 de abril de 2016 foi inaugurado um centro de conferências na cidade de Mostar, na Bósnia. Cerca de oitenta alunos de diferentes países estavam presentes a fim de compartilhar, com o coração em festa, um momento memorável com outros alunos da Bósnia e da Croácia do Sul, reunidos em torno desse novo núcleo gnóstico. Mostar – cidade de grande diversidade étnica – é conhecida por sua velha ponte em ogiva, que data da época Otomana. Essa passarela sobre o rio Neretva foi destruída em 1993 pela barbárie e violência da guerra. Em 2004, foi inteiramente reconstruída segundo o plano original de 1566. É como se a ponte, por essa inauguração, nascesse em Mostar pela segunda vez, mas dessa vez como Ponte de Luz.

Durante os últimos dez anos, os alunos de Mostar (que possui 113.000 habitantes) e outros, vindos dos arredores da cidade, responderam ao chamado interior como verdadeiros pioneiros. Em 2005, o trabalho teve início com dois candidatos, que foram indicados para as conferências em Zagreb e em Belgrado (a 500 quilômetros de distância). Quando chegaram outros alunos, o grupo alugou uma casa com dois cômodos principais, preparando-se para organizar as atividades de informação e orientação. Por ocasião das conferências de renovação, eles iam a Neustein em Steinfeld na Áustria, a

800 quilômetros de Mostar. Essas viagens cansativas agora pertencem ao passado! Os 14 alunos de Mostar, Sarajevo, Dubrovnik e da Croácia do Sul podem, a partir de agora, ter suas reuniões no andar inferior de uma casa confortável, onde há espaço suficiente para conter um templo para 30 pessoas, uma sala do silêncio, uma cozinha funcional e dezesseis leitos.

A gratidão para com essa pequena cidade iluminada, próxima à capital da Herzegovina (Sarajevo) – onde a quantidade de ruínas são o testemunho de imensos sofrimentos de guerra – irradiava de todos os interessados. Essa gratidão foi brilhantemente expressa pela representante da direção nacional, que ressaltou o trabalho excepcional realizado nessa região: “Nesta cidade onde inúmeras religiões se encontram, uma cidade caracterizada por sentimentos profundos, de recordações marcantes e de longa duração, de uma consciência étnica própria, fortemente delineada e com conhecimento profundo da força do sol e da pedra”. Ela resumiu o objetivo e o significado do trabalho realizado até então de modo conciso, pelas seguintes palavras: “Tudo depende de vós, Senhor, e de mim”.

De acordo com a Direção Nacional, a questão concernente ao futuro dos alunos nos arredores de Mostar coloca-os – e não só eles – diante de uma escolha na aceitação do desafio: “Afinal: permaneceremos ligados à





A ponte de Mostar, 2013. Aaron Frutman, DGA photoshop

tradição e aos costumes, com os olhos fixos nas cicatrizes das feridas que nos foram infligidas na luta contra as forças dialéticas ou nos juntaremos ao oceano, no qual a menor gota tem um significado e uma função?”

Uma ponte entre o buscador e a Gnosis

Servindo-se de uma metáfora, o Presidium chamou igualmente a atenção sobre a função espiritual da ponte que o novo centro estende entre passado, presente e futuro: “O símbolo da cidade – a ponte – foi destruído

em 1993. Esse acontecimento mostra bem a que ponto o homem está continuamente pronto para aniquilar aquilo que serve a ele e aos seus, ou que o liga a outras pessoas. A destruição de uma ponte também pode ser vista como uma separação entre as pessoas. Justamente: em Mostar, essa segregação entre as pessoas é uma longa história! Em 1999, por exemplo, quase todos os croatas habitavam na parte oeste do rio Neretva, e quase todos os bósnios na parte leste.” Em toda a Bósnia, 45% da população é muçul-

A PONTE DE OURO PARA O OBJETIVO FINAL

Durante o estágio de involução e nos primeiros tempos do processo evolutivo, todos os grandes em espírito aplicaram-se em desenvolver, entre os grupos de pioneiros, todos os valores que colocariam o homem em condição de atingir o monte da consecução. Há éons nosso organismo espiritual e material está perfeitamente equipado, e o caminho está aberto. Nos dias de Noé, o arco da promessa já irradiava no firmamento espiritual.

Assim, o caminho é a base, a ponte áurea para o objetivo; e Cristo e seus servidores trabalham na manutenção dessa ponte, que é continuamente atacada pelas forças da magia negra.

E a vida mesma encontra-se aqui, conosco! Devemos seguir esse caminho de degrau em degrau, na força de Cristo.

O caminho não é o objetivo: a própria vida é o objetivo. Nessa parte da criação eterna, em que representamos o papel principal enquanto espíritos virginais, trata-se de nos tornarmos conscientes das entidades humanas. Esse é o grande drama que representamos juntos, há milhões de anos!

Devido, em parte, ao desenvolvimento das coisas, as escolas de mistérios tal como as conhecíamos outrora foram abolidas e totalmente renovadas. Quando Cristo enviou-lhes curadores, e estes, uma vez terminado o trabalho, regressaram, entusiasmados e cheios de força, ele lhes disse estas palavras: “Em verdade vos digo, fareis coisas maiores que estas”. Assim como no presente a ponte de aproximação é formada e mantida por Cristo e seus auxiliares, assim também deveremos, no futuro, formar a ponte para nossos irmãos e irmãs que ainda não estão no caminho. Por isso, todos os que estão conscientes, os que ouviram o chamado e seguiram sua vocação interior são chamados para o Monte Sagrado. Ali, eles serão transformados em pedras áureas, em pedras dos sábios, e trabalhados no arco do Senhor, a ponte áurea. Quando Paulo diz: “Trabalhai por vossa salvação, em temor e tremor”, ele não quer dizer: “Cada um por si e Deus por todos”, mas coloca a excelência da fraternidade na verdadeira amizade. Ninguém pode atingir a libertação sem a libertação do outro! Devemos esperar uns pelos outros. Formamos, juntos, uma hierarquia de entidades, um corpo, um organismo palpitante. Por isso, a animosidade e o ódio não têm sentido, pois, segundo a lei natural, a inimizade e o ódio devem, por fim, transformar-se em amor e amizade. Assim, devemos amar nossos inimigos e bendizer aqueles que nos odeiam. Essa é a realização da mais elevada Lei e dos profetas.

Redação livre segundo Jan van Rijckenborgh

mana, 34% sérvios ortodoxos, 15% católica e 1% protestante. Assim, durante séculos, os grupos étnicos e as várias orientações religiosas viveram uns ao lado dos outros, mas não em harmonia.

“E agora, 12 anos após a restauração da ponte, encontramos aqui com um pequeno grupo, em nosso centro, tendo em vista oferecer a todos o Ensino Universal, segundo o plano do pensamento gnóstico da Rosacruz Áurea, sem qualquer reserva quanto a sua origem e suas crenças. Um ensinamento baseado no princípio fundamental do amor, bem como da tolerância e da compreensão mútua.

O centro mesmo de Mostar é uma ponte. Ele é agora confiado a todos vocês, não apenas como edifício, mas também em sua função de ponte, como ligação, pois seu aspecto mais importante é ser um laço entre o buscador e o campo de força da Gnosis. Este centro pode retirar o homem da força

da adversidade para conduzi-lo ao campo de força da Nova Vida – pois não são apenas as margens do Neretva que deverão ser ligadas, mas também o campo da natureza com o campo da Nova Vida.

Os alunos daqui e os de fora não somente têm a responsabilidade de sempre lançar uma passarela para os demais; eles têm igualmente como tarefa serem verdadeiros mostari: guardiães que oferecem contínua resistência às tentações diárias. Dessa maneira, eles mantêm a ponte aberta para todos os que desejam segui-los. Essa não é uma tarefa fácil, porém uma perspectiva promissora. Assim como o desejo dos habitantes de Mostar fez renascer a velha ponte, assim também os alunos daqui construíram agora uma ponte que não é feita de pedra, mas de Luz”.

A ponte do passado no presente

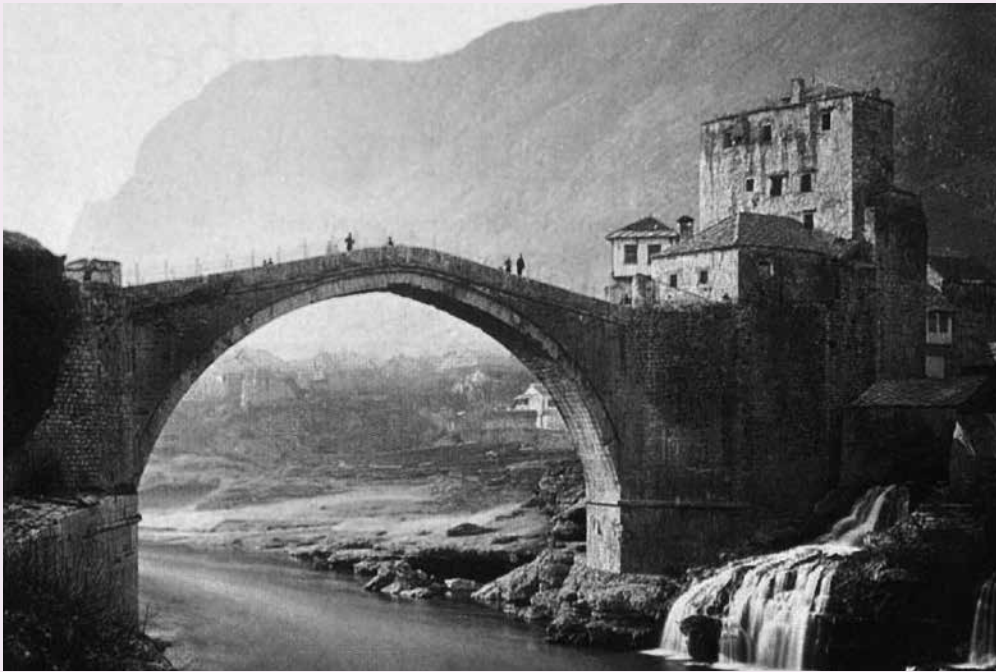
O novo centro é igualmente um meio de lançar uma ponte até os bogomilos da

Um discípulo baseado no amor, na tolerância e na compreensão de nosso próximo

.....



Vista frontal do centro de conferências e do lugar de serviço do Templo



Stari Most (a velha ponte de Mostar) mais acima do rio Neretva, foi construída em 1556 pelo arquiteto Mimar Hajruddin. Em 9 de novembro de 1992, a ponte foi destruída por um tanque blindado, porém em 2004 foi refeita em sua antiga glória pela comunidade internacional.

Ponte entre o ontem e o agora, entre a Bósnia e a Croácia, a Rosa-Cruz dos bogomilos, entre os sufis e os gnósticos, entre a matéria e o espírito

Idade Média (“os amigos de Deus”) ou pravi *krstjani*, os verdadeiros cristãos que, nesta região, formaram o último elo da corrente de Fraternidades e que transmitiram os impulsos gnósticos para a Europa. Precisamente em Mostar (em Radimlja, em Boljuni e em Podvelezje) podemos encontrar centenas de monumentos funerários que datam da Idade Média: os *stecci*, que nos recordam os bogomilos. Esses *stecci* não são apenas lápides para os mortos, para os corpos mortais, mas antes testemunhos da ressurreição, da incorruptibilidade; essa é a razão de encontrarmos neles os atributos e símbolos concernentes a essas características. Eles não

personificam a corruptibilidade do corpo mortal, mas sim a incorruptibilidade do ser vivente, espiritual. O fato de os bogomilos nas proximidades de Mostar atraírem o interesse é confirmado por um estudo recente apresentado poucos dias antes da inauguração, sobre os *stecci* pertencentes a uma área bogomila bastante desconhecida até agora, chamada Podvelezje. Alguns alunos do novo centro também estão envolvidos no estudo do simbolismo dos *stecci*.

Em homenagem aos *krstjani*, o dirigente do centro local leu em alta voz a seguinte prece dos bogomilos:

*Purifica-me, meu Deus.
Purifica-me em meu ser interior e exterior.
Purifica o corpo, a alma e o espírito,
a fim de que os germes de Luz em mim
cresçam
e de mim façam um archote.
Faze com que eu me torne uma chama
que transforma em Luz tudo que está em
mim
e ao meu redor.*

Uma ponte entre o Islã e o cristianismo

A ponte do centro de Mostar também tem outra função importante. Podemos vê-la também como uma ponte entre o Islã e o cristianismo: uma ponte que liga e reconcilia. Há muito em comum com o gnosticismo no Islã, difundido pelos sufis. Em árabe, *s'ufija* significa sabedoria e *s'afa* significa pureza.

Essas palavras constituem uma ligação entre o evangelho gnóstico da Pistis Sophia, os bogomilos e os cátaros, a Fraternidade dos puros.

Certamente não deve ser coincidência o fato de que, após a reconstrução da ponte, Tekija Blagaj, há tempos um grande centro sufi a 20km de Mostar, tenha ressuscitado de suas cinzas! Ele está situado próximo à fonte de Buna, um local onde os bogomilos se reuniam na Idade Média. Ele corresponde aos sete princípios de uma *tekija* bósnia, nome dado a um santuários sufi: uma casa, uma escada, uma queda d'água, rochedos, um lugar onde um rio nasce, um monumento funerário de um mestre de sabedoria e uma gruta. Esses sete elementos estão ligados segundo leis cosmológicas e justificam os fatos históricos, as revelações de outrora e as diversas linhas diretrizes tradicionais aplicadas. Tekija Blagaj agora é visitada nos finais de semana por centenas de sufis.



Um pouco mais distante e fora de Mostar encontra-se Blagaj Tekke (Tekke é o nome de um santuário sufi.) Essa estância para os derviches itinerantes foi construída entre 1446 e 1520, sendo considerada um dos centros mais místicos da Bósnia-Herzegovina.

*Abre os olhos e desperta,
Vê o amor e a unidade que te criaram.
Ama, ama, enquanto puderes.
Ama, ama, até que o segredo
de tua criação te seja revelado.
Mergulha, mergulha no oceano do amor,
deixa fluírem teus pensamentos
e fica em sintonia com o Amor.
Ama, ama, e depois, depois,
desaparece, desaparece, no oceano da
unidade,
desaparece no oceano da beleza
do ser humano que tu és,
e vive, vive, ama, ama,
como o som da flauta de caniço.
(Poema de um mestre sufi) ♣*

Literatura:

J. van Rijckenborgh, *Confessio da Fraternidade da Rosa-Cruz*,
Sufi – Mestres do Amor, Rumi & Hafez,
34 e parte da série dos simpósios,
Haarlem 2015, 81
Adis Zilic, Stecci Podvezlezja, Mostar
2016
Tekija Blagaj, brochura

Contos de fada para 2016

I

Parecer ou ser?

A época em que vivemos é muito especial e interessante porque qualquer opinião estabelecida pode ser derrubada de um momento para outro.

A aparência de tudo aquilo a que nos apegamos pode nos escapar, estragar ou simplesmente desaparecer sem que percebamos. Por detrás dessa aparência não há nada. E, para não cairmos no abismo e no vazio, nos agarramos a uma nova aparência que depois de um tempo também deixará de nos amparar. A incerteza nos aprisiona e nos apegamos a ela. Onde estarão os valores seguros nos quais confiamos por tanto tempo? Será que os pilares de nossa visão de mundo são realmente essa imensa ilusão?

Os anos, dias e horas escorrem como areia entre nossos dedos e não conseguimos reter coisa alguma. Por isso as pessoas tendem tanto a agarrar-se à espuma do passado ou a tatear na névoa do futuro. Elas não enxergam o momento precioso do agora, o instante para o qual tudo converge e no qual tudo se decide.

Quem tem a coragem de reconhecer a fragilidade do aspecto exterior das coisas, que leva a sério a inconstância do tempo e ousa procurar os fundamentos de suas próprias ilusões, destrói a fantasia e reconduz seu mundo interior a suas proporções

essenciais.

Mas o que é essencial? A sabedoria iniciática do Ocidente nos demonstra isso com nitidez na linguagem simbólica dos contos de fada como, por exemplo, no da Cinderela. A parte substancial, a essência em nós, é frágil e insignificante. Ela é como uma pobre menina que deve abastecer o fogão e, “procurar nas cinzas as lentilhas”, o pouquinho de comida que restou para ela. Lembramos aqui da poesia de van Camphuysen, de alguns séculos atrás:

*Muita luta terá de ser travada,
muitas cruces e misérias deverão ser suportadas,
haverá certamente preceitos sagrados,
um caminho estreito há de ser palmilhado,
e muitas preces serão proferidas,
durante todo o tempo em que estivermos aqui embaixo,
assim a paz do bom fim há de chegar um dia.*

De fato é preciso que antes aconteça alguma coisa em nossas vidas. Precisamos passar por muitos e amargos enganos, sobretudo os relacionados a nós mesmos, antes de encontrarmos coragem e nobreza suficientes para recuarmos um passo e nos tornarmos humildes. humildes o bastante para reencontrarmos o que é essencial e reconhecermos que, como um enteado, desperdiçamos aquilo que possuíamos de mais valioso para alcançar

objetivos que agora reconhecemos que eram ilusórios. Embora esteja oculto no mundo material, esse ser precioso e cheio de mistério não provém da matéria grosseira que sempre se desfaz como pó. Sua origem é infinitamente mais elevada. Para reconhecer isso parece que precisamos de um príncipe, um mensageiro, um enviado com uma consciência superior. E o sapato de cristal, a diminuta prova da origem da Cinderela, é o passaporte com o qual a alma pode festejar um “casamento” novo, melhor e principesco. Essa consciência superior envolve a consciência antiga e limitada e deseja preenchê-la totalmente – não para monopolizá-la, mas para realizá-la completamente e torná-la infinitamente feliz.



II

Mariazinha e Teseu

O mundo continua girando e os contos de fada estão revivendo. João e Maria (a massa humana) perdem-se e chegam à apetitosa casinha da bruxa. O nome dela é Wi-Fi? Eles ficam mordiscando na casinha feita de pão de mel. João, que representa a massa humana, fica gordo e preguiçoso. Porém Maria está consciente do perigo: ela não quer ficar gorda e cevada para servir de sacrifício no jantar para a aranha da Web. O fogo é atizado e a Terra vai esquentando. A bruxa (Wi-Fi, Facebook, Tinder, Snapchat?) monitora de vez em quando para verificar se as crianças (a massa) já estão gordas o suficiente. Maria engana a bruxa mostrando um pauzinho através das grades. Quando tudo está no ponto e o fogo está quente o bastante (quanto tempo ainda leva?), a bruxa vai buscar as crianças, reunindo todas as suas energias para empregá-las visando seus objetivos. No entanto Maria, com a “presença de espírito” que tem, está vigilante e empurra a feiticeira para o fogo – e assim ela é queimada. Nesse momento ali estão queimando dois fogos: o da bruxa e o fogo do Espírito.

O conto põe as crianças – que somos nós – no caminho que leva para casa. E sempre foi assim. O fogo espiritual nos indica o caminho de volta!

Os contos de fada voltaram a chamar a atenção: todo mundo se reconhece neles, tanto individual como coletivamente. Os contos de fada têm muito mais a nos dizer do que geralmente supomos. Eles podem ser revividos nos momentos que precisamos deles. Apenas precisamos aprender a

interpretá-los novamente, a entender sua linguagem em nossa época, compreender ludicamente o que eles estão nos contando. O ser humano é uma criatura de carne e osso que pode ser colocada em movimento, pois em suas veias corre sangue. Com uma força surpreendente, quase inconcebível, o coração bombeia sangue através de nosso corpo. A Terra também tem um coração, um núcleo vivo no mais recôndito de seu ser. E o ar, oxigênio, nitrogênio e dióxido de carbono de que precisamos para viver são elaborados de forma permanente e vívida, até onde podemos pensar. E, de tempos em tempos são purificados através do organismo incrivelmente refinado de Gaia (a Terra) em um trabalho conjunto com o Sol (Zeus ou Júpiter, o espírito vital) e colocados à disposição para servir o ser humano em seu desenvolvimento. Não para prejudicá-lo, pois do contrário outras formas de vida inferior teriam sua energia vital roubada.

A Terra e o ser humano estão permanentemente ligados entre si. Mas agora parece que o “animal”, o “dragão dos mitos” está solto para devorar tudo o que é delicado, fino e nobre. Onde está o altivo Miguel, onde está o orgulhoso Jorge para abatê-lo? A Terra está suando, o ser humano está perdendo o fôlego e as energias estão procurando uma saída, como sempre. Por essa razão, o fato de voltarmos a ser o “chefe” de nosso próprio sistema é um caminho inteligente. Assim, traremos novamente o Espírito à nossa vida e agiremos de acordo com ele. Veremos o próximo com os olhos do Espírito, desviaremos nosso olhar do

rostro petrificado da Medusa e nos deixaremos conduzir pelo fio de Ariadne. Poderemos libertar nosso comportamento do poder do Minotauro ou jogar a bruxa no fogo, pois ela somente continuará vivendo enquanto nossa consciência permitir. Com o fio de Ariadne em mãos, aquilo que antes era um labirinto agora passa a ser uma via sétupla em espiral. Teseu vence o monstro. Maria dá o último empurrão na bruxa.

O que quer que aconteça, a confiança no Espírito deve ser o essencial em nossa vida. Não larguem o fio!

“O Fogo do Espírito nunca se apaga.” Essa parece ser a mensagem cheia de esperança que ilumina, por diversos ângulos, tanto os contos de fada como os mitos e escrituras sagradas. Também é o que diz o conto da Branca de Neve, a mordida na maçã, as sete fases no serviço na casa dos sete anões. O sono profundo causado pela maçã, o príncipe, o Espírito que, com seu beijo, desperta a essência da região transcendente da consciência superior. O beijo vale para todos. Todos são afetados. Despertem, apressem-se! Isso é o que diz a mensagem. ✪

Dois tipos de tempo para dois mundos

Na tradição indígena pré-colombiana da América Central eram conhecidos dois tipos de tempo: o Tonal e o Nagual.

O Tonal é o “tempo real” da existência cotidiana. Nele, uma hora corresponde a 60 minutos e é usado para indicar e empregar a duração, para estruturar e ordenar os fatos caóticos e imprevisíveis da existência. Assim, aplicamos o aparelho do pensar do ego que nos faz perceber a possibilidade de realização da vida. A rotina das cidades e a organização de uma empresa situam-se no tempo Tonal. O Nagual, por outro lado, é o tempo fluido, o tempo espiritual. Aí a vivência da duração pode variar.

O Tonal é unidimensional. Já o Nagual possui duas dimensões: sua própria dimensão interior e, por detrás dela, há ainda a dimensão de outro mundo, que podemos alcançar somente depois de passar pelo nosso próprio Nagual. O Nagual é o reservatório da intuição e a porta que conduz a uma consciência superior. Quando não conseguimos permanecer durante alguns instantes no Nagual, entramos em um estado de intenso sofrimento. A dimensão do outro mundo do Nagual era também chamada de “desconhecido ilimitado”; não podemos descrevê-la com palavras, mas apenas experimentá-la interiormente.

Seu desejo sincero de conhecer a Verdade será seu melhor companheiro de caminhada

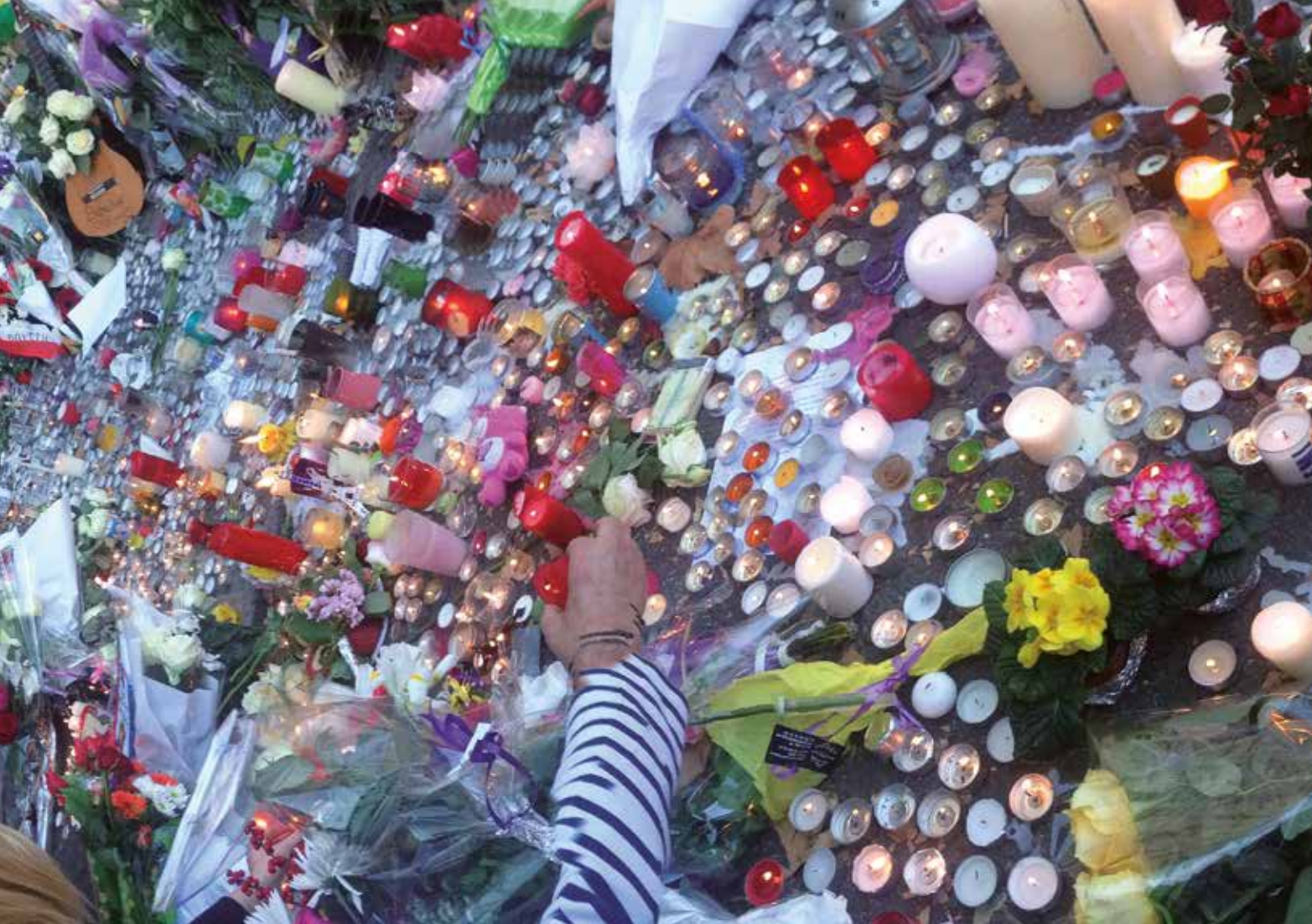
Isso demonstra o exagerado cinismo de quem quer criar o Nagual de modo artificial por intermédio dos sistemas de realidade virtual. Essa realidade é somente isso: virtual, como o próprio termo diz. Mas, como passaremos do Tonal para o Nagual espiritual, para o Nagual do mundo superior?

A primeira etapa consiste em uma busca constante e totalmente sincera daquilo que encontramos em nós mesmos, seja como obstáculo ou como potencial espiritual. Trata-se de um estudo feito a partir de nosso “observador”: o olhar da alma, que é objetivo e desprovido de julgamento. Esse olhar é um excelente instrumento para podermos ver a nós mesmos com distanciamento.

De qualquer forma, trata-se de algo bem diferente de nosso próprio juiz interior (afinal, esse juiz nada mais é que uma subdivisão do sistema do ego). Para ele, tudo o que fazemos nunca é suficiente ou bom o bastante. Apesar de desenvolver-se no e pelo silêncio-Nagual, a contemplação da alma é uma atividade muito dinâmica. Essa contemplação requer mais força e coragem em vez do que preocupação constante com questões essenciais como: “Quem sou eu? O que significa ‘viver’ para mim? Qual é minha ‘verdade’ no que diz respeito à existência em geral e à minha própria existência? Essas existências estão em sintonia? O que vai sobrar de mim sem ‘meus papéis’ e ‘minha importância’? Onde se situa meu núcleo espiritual e qual é minha aspiração?”.

É no tempo Nagual que essas questões despertam no espírito do pesquisador. Guarde essas perguntas no silêncio da alma. As respostas definitivamente não vão agradar nosso ego, já que as máscaras e os papéis sociais ficam evidentes. Continue a observar em silêncio e não tente responder as perguntas com seu pensamento. Se tudo correr bem, as questões vão eliminar todos os seus julgamentos e suas certezas em relação ao que deveria ser a vida, o mundo e você mesmo. Na etapa seguinte, a dimensão do silêncio misericordioso que emana do Nagual da supranatureza conseguirá operar. Essa dimensão do silêncio vai criar outra realidade. A única maneira de você conseguir permanecer nessa condição é abandonar as próprias verdades. O mais surpreendente é que até as crenças relativas à sua espiritualidade serão consumidas, pois o papel delas era justamente protegê-lo contra a autorren-dição, que é o que permite a verdadeira vivência espiritual. Seu desejo sincero de conhecer a Verdade será seu melhor companheiro de caminhada. Segundo as palavras de Rumi (poeta e místico sufi): “O que é falso perturba o coração, mas a Verdade traz uma alegre paz. Pela janela entre o coração e o Coração, a Luz irrompe e distingue a verdade da mentira”*. ★

* Rumi – Masnavi – II 2732



Experiências chocantes

- *Kiss the devil* (Beije o diabo) é o texto que o grupo de rock estava cantando cheio de convicção, no momento em que os assassinos metralharam a sala do Bataclan em Paris.
- Os melhores rendimentos para o seguro de vida são obtidos por meio de compras de ações da bolsa ligadas à indústria armamentista. Portanto, devemos adquirir essas ações para ganhar uma pensão tão elevada quanto possível.



Memorial Batacian c Lewis Potts, Paris

Nesta introdução vemos dois exemplos de acontecimentos mundiais que nos chocam: um, por seu horror imediato, que atinge rapidamente seu objetivo. Outro, lento e asfixiante, pela moral perversa que se apresenta inexoravelmente ao espírito, sugerindo que podemos lucrar e viver da morte dos outros (geralmente de pessoas jovens), pois cada bala aumenta o volume de negócios.

Será que essas experiências chocantes não poderiam contribuir para uma tomada brusca de consciência? Ou temos medo dessas conclusões, e dizemos: “Sim. Mas eu nunca quis isso! Não posso ser responsabilizado pelo que esses loucos fazem com suas armas”. Será que teremos coragem de olhar a realidade deste mundo que caiu tão baixo? Será que podemos admitir que somos tanto o atirador quanto a vítima, que no mínimo somos responsáveis por tornar isso possível, e que nos falta força e coragem para impelir o mundo e a sociedade em outra direção?

E, se refletimos ainda um pouco mais, perceberemos que tudo o que nos cerca impede-nos de observar tranquilamente o mundo, a sociedade, a nós mesmos, nossa própria vida e que tudo isso nos aparta do saber interior. Os jovens querem ser autênticos, conhecer as verdadeiras experiências e partilhá-lhas. Essa busca coletiva não seria a razão dos festivais e dos clubes? Eles sentem que há alguma coisa adormecida em seu interior, grandes

“O primeiro homem, Adão, havia recebido um magnífico manto de luz, feito de forças dos elementos e de luz concentradas; o tempo e os elementos não estavam ainda divididos em partes separadas pela Queda, porém formavam um único elemento de força. Pela Queda, o homem perdeu sua veste de luz. Então, o grosseiro e o tangível apareceram. Contudo, o ser de luz retirou-se para nosso ser interior como uma pequena centelha de luz, como um grão de semente. E essa pequena centelha de luz espera um dia possuir novamente a plena veste de luz, quando a transformação for realizada pelo fogo purificador da alquimia divina”.

Karl von Eckartshausen

possibilidades e um objetivo elevado – porém não existe conhecimento de como despertá-las, e esperam encontrá-lo em suas reuniões. Contudo, o caminho que conduz a isso está semeado de emboscadas. Especialmente porque achamos cansativo enfrentar obstáculo atrás de obstáculo e rapidamente chegamos ao ponto de exaustão. O caminho de experiências é doloroso, porém claramente necessário, tanto para os jovens quanto para os mais idosos. Os mais idosos são coletivamente responsáveis pela condição de nossa sociedade, pela *res publica*, pelo bem público. Mas eles também um dia já foram jovens e cheios de esperança em seu futuro neste mundo – nos limites estreitos traçados por seus predecessores. A esperança que se transformou no *staccato* cruel dos fuzis automáticos, as visões de felicidade sufocadas no clarão e na fumaça dos cintos de explosivos, o horror das decapitações. Vemos tudo isso clara e agudamente pelos acontecimentos que vivenciamos em sociedade. E podemos tão somente esperar e orar para que todas essas experiências conduzam a uma mudança na busca: um caminho vertical, um afluxo de compreensão sanadora e anseio por unificação, uma Luz que dê confiança, que toque o coração

e que marque um novo início, equilibrando a vida exterior e a crescente consciência interior. Os cientistas que fazem de tudo para evitar as palavras “Deus” e “fé” servem-se da palavra “verticalidade”, demonstrando enorme necessidade da religiosidade (não de crença). No mundo secular há um desejo crescente pela vivência religiosa. Numerosos estudos ressaltam a incapacidade do homem moderno de crer em algo superior e apontam para o sofrimento que isso acarreta, pois sentimos ao mesmo tempo a necessidade de religiosidade. “É provável que, enquanto os homens forem mortais, limitados, pelo menos intelectualmente, a maior parte deles - apesar de sua incapacidade de crer, no sentido tradicional – continuará a aspirar por algo além da realidade cognoscível, a sonhar com um estado no qual o impossível na visão científica se torna possível.” Afinal, não há nada mais poderoso do que a força do coração humano! O impossível torna-se possível. Apesar de toda limitação e resistência, o coração atrai aquilo que deseja através dos campos astrais e dos mundos. Ele é alimentado por aquilo que atrai. Quem deseja o impossível atrai o impossível. As vibrações de luz afluem: isso é inevitável. O coração sente consolo e luz,

e a cabeça aprende a discernir. O ser em questão não é o atirador nem a vítima. Ele é livre e traz em si todos nós, no amplo espaço aberto pelo homem liberto, pelo homem espiritual. Isso significa receber a ligação com a Luz, com a Gnosis, com o saber interior, com o amor-sabedoria. Nesse espaço interior, a partir desse espaço-sem-julgamento, é possível fazer alguma coisa com nossa compaixão em meio à realidade pungente da existência. Mantendo-se no centro silencioso com auxílio da Luz, o pensamento aclarado e o coração purificado trazem uma pedra de construção para o edifício. Ou melhor: trazem um raio de luz, a fim de neutralizar a polarização causada, de um lado, pela intensidade da violência, e de outro, pelo cinismo insidioso. ✪

Fonte

K. van Velde, *Flertar com Deus*. Religiosidade sem fé. Editora Ten Have, Utrecht 2011

Sobre o caminho

O que é o caminho? Imagine uma pessoa que se encontra em dificuldades financeiras. Certo dia, chega uma visita que lhe diz que o quadro pendurado na parede do corredor é um Picasso, avaliado em milhares de dólares. A avaliação de sua situação econômica, por esse simples fato, muda completamente! Essa pessoa já não consegue olhar para esse quadro sem ver dólares. O que foi que o convidado lhe trouxe? Nenhuma nova religião, nenhum novo conceito de vida, e sim uma perspectiva.

O caminho é uma maneira diferente de olhar para as coisas que já existem, uma perspectiva totalmente diferente. Por essa nova maneira de olhar, a consciência do observador se transforma. Graças a ela, o homem aprende e vive. A partir dessa nova perspectiva, desenvolvem-se um novo pensar, um novo sentir, uma nova vontade e ações renovadoras. O que é antigo permanece, pois o quadro no corredor continua a ser um quadro no corredor. Quando a nova consciência é acrescentada, o observador dá ao quadro uma nova e preciosa significação. Conhecimento e experiência dão nascimento à compreensão, que produz mudança e movimento. Este é o resumo do caminho: uma compreensão renovada, dinâmica, em outro paradigma.

Agora, esta é a pergunta que lhe fazemos, caro leitor: O que você está buscando? O que você busca no caminho?

O caminho começa na consciência, na soma de suas experiências. Onde a consciência é lúcida, a percepção muda e surge uma nova perspectiva!

A consciência assemelha-se a um suave

chamado. De bom grado colocamos esse chamado interior no coração do homem, na rosa ou lótus. Esse é o começo, o começo da própria religião, que significa ligar novamente: é o verdadeiro “tudo em Um”. O chamado nos impulsiona até fazer que aspiremos essa religião. É um vínculo que não é fácil e que não pertence a este mundo, não é algo parecido com um desejo mais ou menos possessivo. Muito pelo contrário! Não se trata de um desejo de ter, mas sim de ser, de ser consciente. É um sentimento que não pode ser expresso por palavras! Trata-se da essência profunda de nosso ser, a fronteira onde começamos e não paramos mais. Todas as nossas experiências contribuem para essa consciência. Você já se encontra nessa rota há muito tempo. De onde você vem? O que o motiva? A todo momento a perspectiva do Ser é um clarão de consciência para cada um. Nesse sentido, o homem vive continuamente de clarão em clarão, em movimento e criação. Os sentimentos, os pensamentos, as ações e as expressões da vontade formam um sistema sólido: o ego. Se você acredita que o Ser é mais que o ego, se acredita que existe algo mais além do que pode ser visto, então talvez você também reconheça o impulso de querer sair do sistema. Você tem essa

sensação de nostalgia inexplicável e indefinível? É o impulso, a vontade de conhecer o sentido da vida, a fim de trilhar o caminho, partir, sair. Quem é você? O que faz que você seja o que é? O caminho concreto é formado pela tensão causada, por um lado, pelo querer “sair do Sistema”, e por outro, pela ignorância causada pelo “então, o que é?”. Você trilha um caminho, consciente ou não. Não há estagnação, o cosmo e você estão em contínuo movimento. Estar consciente e trilhar o caminho é inevitável. Aceitar o inevitável e percorrer o caminho é libertador.

Então o caminho se torna para você um caminho libertador. Enquanto o ego determina os seus passos, você sai em busca do caminho. Enquanto você está empenhado em fazer isso, seu ego o acompanha. Assim você pode optar entre experimentar isso como peso ou motivo de júbilo! ✨



Iniciação
Iluminação
Libertação

Plantação de repolho próxima a Brownsville, Texas © Richard Misrach



Neste período espiritual de “nova era” e saber esotérico, talvez seja útil para todos receber um esclarecimento sobre esses conceitos básicos divulgados através dos tempos e provenientes das verdadeiras escolas de mistérios. O que os diferencia? Em que se assemelham? Que influências exercem sobre a consciência?

Que entendemos por esses conceitos?
Iniciação: Que esconde esse conceito tão frequentemente mal compreendido? Qual é sua relação com o desenvolvimento e a descoberta do mundo interior da alma? Podemos alcançar a iluminação espiritual sem o caminho iniciático?

A iluminação é um acontecimento esplêndido e grandioso na vida de uma pessoa. Sua inteira percepção da realidade imediatamente se modifica. Iluminação pode ser definida como um despertar. A pessoa que alcança esse estado experimenta que até esse momento estava mergulhada num sono profundo.

Libertação: podemos ver a vida comum como um circuito fechado onde prevalece irremediavelmente a lei de causa e efeito. Isso explica por que, desde tempos imemoriais, nossa existência é representada pela metáfora do labirinto. Buscamos uma saída, mas nos perdemos recorrentemente nos caminhos.

Para ser liberto, há apenas um caminho possível. Devemos encontrá-lo e segui-lo. Para isso, engajamos nossa inteligência fundamentada num verdadeiro processo de iniciação e no estado de consciência de despertos.

Purificação da consciência

Em nossa consciência está tudo aquilo que definimos como puramente humano, a saber: raciocínio, discernimento, livre-arbítrio, criatividade. Cada ser humano tem consciência de si mesmo, e essa consciência nos leva a pensar que somos quem somos, e somos como somos. Isso define nossa

A verdade somente pode ser conhecida por quem preparou seu órgão de percepção para esse fim

identidade, e essa identidade é o resultado de um conglomerado de atributos que fomos coletando ao longo da vida.

Todos esses atributos, porém, procedem, quase em sua totalidade, de fora do nosso ser, do mundo exterior e seus fatores condicionantes. Por isso, desde a Antiguidade se aplica o adjetivo “ilusório” para descrever a natureza dessa personalidade e sua identidade. O que verdadeiramente somos não sabemos, e como não o sabemos, tampouco o conhecemos.

As três perguntas que, desde o passado remoto, a Voz da Sabedoria faz a cada ser humano que se aproxima de seu raio de ação – *Quem és? De onde vens? Para onde vais?* – nada perderam de sua validade. Elas seguem atuais e exercem forte pressão sobre nossa consciência.

Se queremos falar de iniciação, iluminação e libertação, devemos, indubitavelmente, adentrar a própria natureza da sabedoria e do conhecimento.

Como se pode saber o que é a verdade, sem antes ter ajustado o instrumento de que se dispõe para isso?

O instrumento para a busca da verdade e, portanto, a resposta às três perguntas colocadas, é a nossa consciência. Portanto, tudo o que influi na consciência deve ser observado detalhadamente.

Quando falamos de “consciência”, não nos referimos à capacidade racional, à capacidade de análise lógica, nem estamos falando dos mecanismos que configuram nossa capacidade de expressar pensamentos com palavras e frases construídas

segundo um ordenamento lógico. A razão é somente um dos componentes da consciência, um de seus instrumentos.

No entanto, há outros de importância semelhante ou até maior, como por exemplo, nossa vida de sentimentos, nossos desejos, anseios, expectativas, medos e emoções, em suma, tudo aquilo que toca nossa fibra sensível. Todavia, com a vida de pensamentos e sentimentos não se encerra o círculo de afluentes da consciência. Nossa força de vontade, nosso afã, nossa capacidade de resistência, enfim, tudo o que se desenvolve no âmbito da vontade também tem uma importância decisiva na constituição da consciência, ainda que, no geral, confundamos muito facilmente o que queremos (vontade) com o que desejamos (sentimento).

E muitas vezes não sabemos muito bem se o que pensamos é o resultado de um processo lógico, racional, ou de um processo de desejo ou vontade, que acaba distorcendo a lógica para impor-se à razão. Por isso, nos sistemas de iniciação pitagóricos, a iniciação era precedida de uma fase prévia, a da “purificação”. A purificação é imprescindível para que a consciência se torne suficientemente clara, intensa e transparente, a fim de ver a luz sem deslumbrar-se.

Condição *sine qua non* desta purificação é ser capaz de discernir com clareza os processos que contribuem na formação de nossos estados de consciência.

Essa fase de purificação tem três exigências:

1. A eliminação ou supressão de todos os elementos que perturbam ou distorcem a consciência, como o consumo de álcool e de drogas.
2. A observação serena de nossa vida interior, isto é: a vida de nossos sentimentos, vontades e pensamentos, para poder verificar como influenciam na formação de nossas opiniões, disposições e estados de ânimo. Aqui devemos considerar, particularmente, a esfera das nossas simpatias e antipatias.
3. A formação de um sólido edifício ético, baseado em princípios espirituais, e o esforço para manter-nos íntegros.

Vemos, assim, que a libertação é precedida de um processo tríptico, que pode ser definido pelas palavras purificação, iniciação e iluminação. Cada fase conduz à outra e abre sua possibilidade. A conquista de uma delas, porém, não pressupõe obrigatoriamente o êxito da fase seguinte.

Uma imagem integrativa que pode ser útil a esse respeito é a seguinte:

- o processo de purificação pode ser associado à concepção;
- o processo de iniciação pode ser comparado à gestação;
- o processo de iluminação ao nascimento;
- o processo de libertação ao crescimento e desenvolvimento de um ser adulto autônomo e livre.

A purificação nos prepara para que o Espírito fecunde em nós o germe de um novo ser interior. Os rosa-cruzes clássicos falavam da fecundação da semente-Jesus no coração: a rosa-do-coração, o centro de força latente da alma original do homem. Dito de outra forma, a concepção. A iniciação coincide com o desenvolvimento de todos os órgãos que permitirão a esse novo ser interior viver, manifestar-se e expressar-se ela é comparável a uma gestação.

A iluminação é o contato direto do novo ser interior com a própria Vida, é respirar pela primeira vez o Alento Divino, é sair do campo matriz e entrar no mundo da Luz.

A libertação é o processo pelo qual esse ser recém-nascido cresce, se desenvolve e obtém uma capacidade independente de levar adiante o plano de sua vida.

Os três aspectos abordados não tratam de coisas desconexas entre si, mas sim das diferentes etapas do caminho que conduz o homem material terrestre ao homem espiritual celeste, e que, a nosso ver, apresentam uma sequência muito precisa.

Como eixo condutor é preciso ter sempre presente que “saber” e “conhecer” não são a mesma coisa, e que nem tudo o que sabemos é verdade.

Sob esta luz talvez se possa compreender melhor as famosas palavras de Sócrates: “Somente sei que nada sei”, paradigma da posição de um verdadeiro sábio.

Iniciação

Existe uma vasta literatura sobre a iniciação, que abrange desde as coisas mais surpreendentes e pitorescas, até as mais misteriosas e incompreensíveis. De nossa parte, exporemos nosso conceito de iniciação de uma forma simples.

Iniciação é uma palavra, cuja raiz está muito presente na linguagem comum.

Um “curso de iniciação à música”, por exemplo, trata das primeiras noções básicas de música.

A palavra “início” significa “começo de algo”, e chamamos também de inicial a primeira letra de uma palavra.

E a palavra “descobrir” tem muito a ver com iniciação e com mistério, pois a verdadeira realidade está como que “coberta” por um véu, que nos impede de contemplá-la.

Descobrir algo significa destampá-lo, ou seja, tirar tudo o que se interpõe entre

sua realidade e nossa consciência. O que descobrimos assim, já existia antes. No entanto, toda a nossa vida foi construída sobre um fundamento que não levou em conta essa realidade coberta; e ao descobri-la, toda a nossa vida deve ser reprogramada e reordenada.

Portanto, tal descoberta nos “inicia” em uma nova etapa existencial.

Como já assinalamos, desconhecemos a verdadeira essência do nosso ser, e por isso, quando nos perguntam – Quem és? – somente podemos responder indicando nosso nome. Com isso não dizemos grande coisa, pois nem sequer esse nome é algo nosso, uma vez que nos foi outorgado por nossos pais.

Nossa verdadeira identidade é para a maioria dos seres humanos um mistério coberto por muitos véus.

Na maioria dos sistemas de iniciação se parte da premissa de que o ser humano participa de duas naturezas:

a) Uma personalidade natural, biológica, originária do campo de existência terrestre, dotada de imensas possibilidades e capacidades, autêntica joia da evolução natural, porém programada para uma existência efêmera, fustigada permanentemente por enfermidades e declínio físico.

b) Um ser de natureza espiritual, de origem divina, que se encarna na personalidade natural para dispor de um veículo de manifestação e expressão, com cuja colaboração ele pretende construir uma ponte entre os dois.

Todos esses sistemas de iniciação se esforçam em preparar a personalidade natural para esse encontro, torná-la apta para permitir a revelação do ser divino interior.

De forma resumida, os sistemas de iniciação podem ser agrupados em três variantes:

1. Os sistemas que procuram separar a consciência da personalidade (mais ou

menos o que ocorre quando dormimos) para, em seguida, elevar-se às esferas do mundo dos pensamentos, com a consciência livre das condicionantes do corpo, e ali obter conhecimento de primeira mão;

2. Os sistemas que se esforçam para conduzir a personalidade a um estado de pureza e sutileza extremas, de modo que a luz do pensamento divino possa refletir-se e manifestar-se nela;

3. E o sistema que se esforça pela transformação alquímica da estrutura molecular da personalidade natural, de maneira que o resultado seja, de fato, uma nova personalidade. Embora semelhante à anterior, a nova personalidade é construída com base em um conjunto de informações diferentes das que condicionaram a formação do corpo biológico. Ela possui átomos e substâncias de uma natureza muito superior aos que normalmente se encontram no campo de vida planetário.

Este terceiro sistema tem, a nosso ver, muitas vantagens, porque, além de obter os mesmos resultados práticos dos dois primeiros, coloca o candidato em uma situação muito favorável diante da libertação, como pretendemos explicar mais adiante. Além do mais, ele evita todos os inconvenientes e perigos associados à divisão da personalidade ou ao seu cultivo. No interior do ser humano, encontra-se oculto, embora latente, o ser divino. Este ser divino é uma centelha do grande fogo divino universal, na qual se reflete toda a sabedoria da Divindade. Para poder decifrar e codificar essa sabedoria, o candidato à iniciação deve abrir sua consciência ao vocabulário dos mistérios e aprender a conjugar seus verbos. Essa linguagem, como é lógico, não é ensinada como se costuma fazer, por exemplo, em uma escola de idiomas.

A linguagem dos mistérios não é irracio-

Nossa verdadeira identidade dissimulada sob milhares de véus continua um mistério

.....

nal, mas foi edificada com base em uma lógica diferente da lógica corrente. Devido a sua complexidade, essa linguagem tem sido transmitida por meio de mitos, símbolos, imagens, alegorias e alusões, ou mesmo de paradoxos.

Durante o processo de iniciação, o candidato é conduzido lentamente por uma aprendizagem que, pouco a pouco, amplia sua visão da tríade “Deus, cosmo e ser humano”. Ele entra em contato com grande quantidade de ensinamentos para poder examinar os múltiplos componentes da realidade e compreender que posição aí ocupa.

Tudo isso lhe permite avançar, passo a passo, na compreensão das sugestões sutis que procedem de seu ser divino central, como se fossem um chamado longínquo. Porém, enquanto esse fluxo de potências de luz é absorvido pela consciência purificada, o intelecto trabalha arduamente para recodificar tudo isso em seu esquema binário.

Assim, pode ser que ao mesmo tempo em que surge uma nova alma espiritual, produza-se também um reforço das estruturas ilusórias antigas como consequência do processo alquímico de separação entre a luz e as trevas. Esse reforço da ilusão é, em certo sentido, como a sombra que resulta do nascimento da alma-espírito, da união do espiritual com o material. Essa ilusão se produz tanto na esfera astral e na esfera das experiências e das emoções



Estela de Vologases III, rei dos partas (105-147), em grande pompa. Ele restabeleceu a paz no reino persa no século 2 depois que os romanos retiraram seus exércitos. Em sua mão esquerda ele segura o cálice de oferenda. Ele estende a mão direita para o braço. A inscrição em língua parta do outro lado diz: “o corpo do neto do rei Vlksh (Vologases). Vlksh, o jovem rei...”

quanto na esfera mental, a região do pensamento. Por essa razão, cedo ou tarde, o candidato aos mistérios ver-se-á confrontado com um inimigo interior que bloqueia os circuitos do seu sistema nervoso cerebrospectral, impedindo-o de chegar à contemplação. A iniciação não é, portanto, um aprendizado simples. Ela é, ao mesmo tempo, um combate interior, uma luta entre o novo homem em gestação e formação sob a radiante luz da Gnosis, o conhecimento divino, e o velho manto astral e mental. Este tenta evitar que o centro de gravidade vital seja deslocado para fora de sua área de controle.

Como o leitor compreenderá, o esforço fundamental durante todo o processo iniciático deve estar centrado na obtenção de uma consciência lúcida sobre a autêntica natureza humana e seus dois campos de manifestação: isso que habitualmente definimos como o bem e o mal.

Neste processo não se trata, de modo algum, de uma abordagem moral baseada em um decálogo de bons costumes, mas do conhecimento profundo das causas de cada uma dessas projeções morais.

O jogo habitual do bem e do mal é, assim, completamente desmascarado, e toda sua hipocrisia é desvendada à observação inteligente do candidato. Se tudo correu bem durante sua preparação, ele não sentirá nenhuma emoção, nem de aceitação nem de rejeição.

Ele sabe, por isso, que o Bem Único está somente em Deus, e que só é possível viver no verdadeiro Bem vivendo nele e por seu intermédio. Então, a despeito de todos os contratemplos e resistências, ele aplicará em sua vida os impulsos divinos espirituais. Cada pensamento, cada sentimento, cada atividade da vontade, cada ato realizado sobre essa base penetra a estatura natural e torna-se uma pedra de construção para a estatura da nova alma, de natureza nova e muito sutil.

Resumindo, a iniciação, com todo o seu processo, consiste na abertura progressiva da consciência à corrente de luz da Gnosis e, simultaneamente, na compreensão crescente desse impulso, graças à linguagem dos mistérios. A iniciação não é um conjunto de cerimônias, oficiadas por um poderoso hierofante, mas um conjunto de impressões que vão abrindo sua compreensão a respeito da realidade da alma-espírito por um lado, e a realidade de sua velha natureza, que se opõe a ela.

É, portanto, luta interior, crescimento espiritual e compreensão da Palavra Viva. E esse processo culmina no descobrimento da verdadeira identidade. Por isso se diz, frequentemente, que os iniciados recebem um novo nome! E inclusive, que muitos deles mudam seu nome a partir da culminação do processo.

No entanto, quem atravessou a iniciação com êxito ainda não é um iluminado. A iluminação é o fruto final, o prêmio que coroa todo o esforço realizado.

Iluminação

Na linguagem comum, usamos a expressão “dar à luz” quando nos referimos a um nascimento. O novo ser, gestado na escuridão e na segurança do útero materno, tem de atravessar um túnel estreito para chegar ao mundo da luz solar. Ao sair, respira, entra em contato direto com o ar.

No ar, na atmosfera que circunda nosso planeta, estão presentes todas as matérias-primas da vida: hidrogênio, nitrogênio, oxigênio e carbono. Impossível viver sem ar. Uma experiência parecida ocorre no nascimento – na realidade, do renascimento – do homem-alma-espírito.

A iluminação também pode ser descrita como um despertar. Novos olhos se abrem, os da estatura da alma que se constituiu ao longo do processo de iniciação. A grandiosa vivência de Gautama Buda

sob os ramos da árvore Bodhi é descrita por ele como um despertar.

Quando alguém desperta de manhã, tudo o que se viveu no mundo dos sonhos é geralmente apagado da consciência, e existe uma espécie de barreira intransponível que impede o acesso para recuperá-lo.

Do mesmo modo, quando uma pessoa experimenta tal despertar, tudo o que vive a partir desse momento não tem nenhuma relação com a vivência enquanto dormia. Ainda voltaremos a falar sobre este ponto importante.

A iluminação não é simplesmente uma mudança de estado de consciência, mas também uma mudança da forma. Algo muda notavelmente na estrutura psíquica do ser humano, assim como em tudo relacionado a sua capacidade de percepção da realidade. É como se os circuitos cerebrais fossem reconfigurados para restaurar a configuração inicial, original. Quem vive este acontecimento passa a ver as coisas sob outra luz. As cavidades cerebrais são banhadas por uma luz intensa, que expulsa toda sombra e escuridão. E neste momento se conhece a verdade. O candidato conhece que é filho do Único e, portanto, recupera sua verdadeira identidade. A partir de então, Buda obtém o nome de Tathagata, “o que deixou tudo para trás”. E diz: “Tathagata desvelou a causa de todos os fenômenos provenientes da causa única”.

A iluminação, o primeiro contato fundamental com o plano nirvânico de existência, é exatamente o mesmo que irromper no mundo das causas, de todas as causas que dão origem a todos os fenômenos que se produzem ao nosso redor, incluindo nossa própria existência natural e suas formas.

É importante não confundir “saber” com “conhecer”. Você “sabe” que, neste momento, está lendo este livro. No entanto,

A iluminação é o fruto que coroa todos os esforços dispendidos

podemos afirmar que, muito provavelmente, você não conheça qual é a causa verdadeira que motiva sua leitura. Não seria necessário, no mínimo, conhecer, de primeira mão, por que e para que fazemos o que fazemos?

Porém, para isso é preciso obter acesso ao mundo das causas. O mundo exterior, tudo o que vemos e captamos com os sentidos, tudo o que deduzimos e conjecturamos com base em nossas experiências com o mundo externo, tudo isso pertence ao mundo dos efeitos. E inclusive o que definimos como causas não passa de efeitos de outros efeitos ainda mais profundos e imperceptíveis. Para conhecer as causas verdadeiras é preciso dispor de uma consciência nova, superior, diferente. Essa consciência se movimenta em uma dimensão que transcende a consciência normal. Nossa consciência tem como eixo as três dimensões espaciais de largura, comprimento e altura, além da dimensão temporal de antes, agora e depois.

A nova consciência, contudo, movimenta-se também por uma dimensão que poderíamos definir como *profundidade*. Ela pode penetrar profundamente em todas as dimensões conhecidas, como se o fizesse por meio de uma dimensão perpendicular a cada uma delas. O próprio fato de nossa consciência normal não ser capaz de formar uma ideia ou imagem dessa dimensionalidade diferente de uma vida de natureza diferente é prova infalí-

vel de que nossa consciência comum não é uma consciência superior e iluminada e, portanto, não está habilitada para entrar no universo das causas.

Assim como é preciso dispor de dois olhos para captar visualmente a terceira dimensão espacial, do mesmo modo é necessário dispor do terceiro olho para captar essa quarta dimensão. Esse terceiro olho abre-se precisamente com a iluminação! “E seu rosto resplandecia como o sol” – descreve Mateus em seu evangelho, ao falar da iluminação de Jesus.

Uma nova luz emana da face do iluminado. Tal luz tem seu foco na fronte, atrás do osso frontal, ou melhor dizendo, encontra seu ponto de contato na hipófise. As consequências anatômicas de tudo isso são impressionantes. Limitamo-nos a dizer o seguinte: a hipófise é como “o diretor” das glândulas endócrinas, enquanto a pineal é como “o presidente”. Praticamente não há nenhum hormônio produzido por nosso corpo que não surja sob sua direção.

Uma porcentagem considerável do nosso caráter pode ser explicada pelo funcionamento dessa glândula. Nossos estados de ânimo, nossa orientação sexual, grande parte de nossa sensibilidade e nossas disposições emanam da atividade da hipófise.

Por isso, pode-se deduzir com facilidade que a iluminação muda completamente todas essas disposições, colocando-as em uma oitava superior. Uma nova energia e uma nova atitude de vida surgem disso. Não como algo premeditado, programado, sujeito a um método ou a certa disciplina, mas como um estado de ser espontâneo.

A razão, livre de todos os condicionamentos animais, experimenta, pela primeira vez na vida, o que é pensar.

Como se alcança a iluminação? A iluminação é o resultado de uma plenitude de



Deméter dá ao jovem Triptólemo uma haste de trigo, símbolo da humanidade que aprende a trabalhar a terra. Atrás do jovem está Perséfone, a filha de Deméter que Hades raptou e leva todo ano ao inferno. A alegria dada à sua mãe por seu retorno traz a primavera e o verão. O baixo-relevo nos remete aos pequenos mistérios do eterno retorno, mantidos secretos, mas aos quais todo habitante livre de Atenas podia ter acesso. Essa é uma cópia de um baixo-relevo dos anos 450-425 a.C., encontrada em Elêusis. Museu Nacional de Atenas

experiências e vivências. Um dos pilares filosóficos da Rosa-Cruz é o ensinamento da reencarnação. Mas o que reencarna? O que reencarna não é o ser humano biológico, mas sim o ser divino que existe de forma latente em seu interior. Ao longo de centenas de novas imersões no mundo da vida física, produz-se, em seu campo vital que denominamos microcosmo, um acúmulo de conhecimentos, experiências e vivências. Eles determinam o “dote de inteligência” para cada nova alma humana, surgida da vida natural. Evidentemente, na hora de assumir ou não essa herança, cada alma é livre para usá-la em um ou outro sentido. O certo é que há microcosmos com grande maturidade e determinada “saturação” de experiências. Facilmente pode ocorrer que um microcosmo desse tipo abrigue ativamente uma personalidade como a nossa e que, em determinado momento psicológico, ocorra uma incursão consciente no mundo das causas, com a consequente experiência luminosa. Essa maravilhosa experiência tem enorme valor, porém não foi o resultado de um processo de iniciação. Talvez você pense: e que me importa? O importante é a experiência em si! Um simples exemplo será útil para compreender a diferença. Imagine que hoje você dormisse tranquilamente em casa, em sua cama, e no dia seguinte pela manhã, ao despertar, se encontrasse numa cama de palha, em uma aldeia de uma tribo perdida na selva amazônica, que, antes de dormir, você desejasse ardentemente conhecer. E já que estamos falando de experiências, compare esta experiência com a de alguém que, tendo o mesmo desejo que você, tivesse se preparado durante anos para isso; que conhecesse o idioma, os costumes, o ambiente e a forma de entender a vida dessa mesma tribo, e que, a seguir, empreendesse uma

viagem até essa aldeia, passando por diferentes fases de aclimatação e preparação. A experiência de amanhecer em plena tribo é a mesma para ambos, porém as consequências e possibilidades são radicalmente diferentes. Escolhemos este exemplo, um tanto estranho, que ilustra que o caminho para o alvo buscado necessita uma preparação tanto física quanto psicológica. Elas armam o homem contra os perigos e tornam possível ir ao encontro do desconhecido da justa maneira. Se lermos as narrativas dos que tiveram uma experiência com a iluminação, veremos claramente o que a realidade histórica demonstra: que essas pessoas que atingiram a iluminação sem preparar-se por meio de um processo de purificação e iniciação, descrevem suas vivências utilizando as imagens de sua própria formação religiosa. Se um hindu tiver tal vivência, toda a sua descrição terá Krishna por referência, ou outras referências imagináveis da cultura hindu. E se essa for a vivência de um cristão, é inevitável que Jesus Cristo tenha um papel relevante. Um agnóstico, no entanto, também poderá ter essa experiência e, neste caso, falará, por exemplo, de campos energéticos e esferas planetárias. Podemos afirmar, portanto, que o processo de iniciação provê o candidato de uma bagagem racional e imaginativa muito precisa, que lhe permite interpretar acertadamente suas vivências e experiências com a ajuda da luz. Quem não passou por esse processo iniciático, por sua vez, tem dificuldades para superar a etapa contemplativa de tudo isso. Como a iluminação não é a meta – pois a libertação é a meta verdadeira e definitiva – não basta alcançar a vivência da luz. A libertação depende completamente do que o iluminado faça na nova situação. Como dissemos, a libertação é o estado adulto e maduro da alma humana unida

Um bom
preparo
físico e
psíquico
arma o
homem
contra os
perigos do
caminho

.....

com o Espírito. E você sabe, por experiência própria que, na vida comum, nem todos a atingirem o estado de adulto são seres verdadeiramente livres; não basta apenas completar um número de anos para isso. É preciso uma atividade auto-criadora muito intensa. Por isso, como já indicamos, o método de iniciação, seu sistema, é muito importante e essencial, em virtude da meta final que coroa o processo da evolução humana.

Libertação

O conceito de libertação nos conduz imediatamente ao de “dar livre curso a algo retido”. Esse “algo” retido dispõe, por si, das qualidades necessárias para atuar segundo sua própria natureza e, portanto, ser livre. Porém há outro “algo”, impedindo-o.

Podemos fazer uma analogia muito simples para ilustrar essa ideia. Um tronco de madeira atado a uma pedra é retido no fundo de um lago. Tão logo possa soltar-se da corda, o tronco, por si só, sem ajuda alguma, emerge à superfície da água, abandonando o fundo do lago. A mesma ideia está encerrada na palavra “libertação”. O ser divino eterno está preso à matéria densa por um poderoso laço; porém, basta soltar o laço, basta que desatemos o “nó”, e esse ser divino emergirá ao mundo divino, por sua própria natureza, abandonando a esfera de existência onde agora se encontra retido.

Dizemos que, embora reconheçamos no ser humano dois princípios, dois núcleos vitais, a saber: um princípio divino e um princípio planetário (o primeiro imortal e o segundo mortal), esses dois princípios se manifestam por meio de uma estrutura tríplice: a estrutura espiritual; a estrutura anímica; e a estrutura corporal. A partir de agora, vamos referir-nos a eles simplesmente como “espírito, alma e

corpo”. Os dois princípios mencionados (o princípio divino e o princípio planetário) mesclam-se nas três estruturas, espírito, alma e corpo.

Quando nos referimos a nossa estrutura corporal, por exemplo, notamos que o coração é um órgão extraordinariamente singular, porque nele confluem ambas as naturezas. Por isso, quando nos referimos à expressão do princípio divino na estrutura corporal, falamos de rosa-do-coração.

A estrutura do coração responde plenamente aos dois princípios vitais e ambos se mesclam neste órgão tão especial.

Poderíamos dizer o mesmo da estrutura anímica. A estrutura da alma é constituída por cinco fluidos: o fluido sanguíneo; o fluido hormonal; o fluido nervoso; o fluido espinal; e o fluido da consciência. Observando-se esses cinco fluidos, nota-se que o sanguíneo é o mais tangível e concreto e, por isso, de todos eles, é o mais ligado ao corpo. O fluido da consciência, por sua vez, é mais sutil e inclusive misterioso, sendo o mais ligado à estrutura espiritual. Os outros três fluidos – hormonal, nervoso e espinal – formam o núcleo central da alma. Convém precisar que, em geral, usamos o termo microcosmo para referir-nos à estrutura espiritual.

O microcosmo é uma estrutura de linhas de força extraordinariamente complexa. Se você recordar a imagem utilizada para representar a estrutura de um átomo, poderá fazer uma ligeira ideia daquilo a que nos referimos como “estrutura de linhas de força”. Essa esfera eletromagnética é uma projeção espacial da centelha divina, da mônada, o ser divino primordial. Pois bem, essa estrutura tem seu reflexo corporal na configuração eletromagnética do nosso cérebro. Portanto, podemos afirmar que o ser divino e o ser carnal estão unidos por uma rede psicofísica

Nesse afresco do templo de Mitra em Marino, Itália (sec. 2 aC), Mitra mata o touro. Os mistérios de Mitra iniciam o candidato aos mistérios do cosmo em sete fases. O fato de matar o touro simboliza a força de Mitra, o filho fiel de Ahura Mazda, o deus sol que movimenta o universo inteiro: o culto marca a era do touro, que substituiu a era de áries. O próprio Mitra explica: “Porque o primeiro degrau de Corax [mercúrio] é para os que receberam meus ensinamentos da boca de meus sacerdotes e desejaram me seguir. O segundo degrau faz de um homem um Nymphus, pois ele desposou minha religião. Miles, o soldado, é o que batalha por mim e Leo (o leão) caça a meu lado para expulsar o mal. Persis, o persa, reduz o mal a cinzas com suas tochas e aclara o caminho de meus alunos. O sexto degrau, Heliodromus, confirma que meus alunos poderão subir no carro-sol até Ghoan (o domínio original dos homens) e sentar-se perto de Pater, meu pai, fora do alcance de Ahriman, quando seu tempo tiver chegado. Estarei lá e cuidarei de sua mesa. Agora devo ir e preparar essa mesa para ele e para todos os que observam as leis de Ahura Mazda (a Luz), que vos ensinei”. Fonte: *Mitos e contos épicos, sussurros de Kleio*, Frans Schobbe, 2004



tríplice.

Existe uma rede na estrutura espiritual, uma na estrutura da alma e outra na estrutura do corpo. Essas três redes – ou essa rede tríplice – são formadas tanto por fios pertencentes ao ser carnal como por fios pertencentes ao ser divino. Pode-se dizer que, nessa rede, todos os fios verticais emanam do ser divino e todos os fios horizontais emanam do ser terrestre. Quanto mais plena de experiências é a vida de um ser humano, mais densa é essa rede, mais formas e cores ela apresenta e, portanto, mais possibilidades contém.

Na Antiguidade, tal rede era denominada de “tapete mágico”. Esse tapete mágico é

próprio do ser humano que conquistou a libertação e dispõe de plena autonomia de movimento por todos os planos do espírito e da matéria. Portanto, a libertação não é outra coisa senão a supressão de tudo o que impede ou retém essa liberdade de movimento. Contudo, como você facilmente pode supor, obter o estado de libertação não é uma tarefa fácil. Coloquemo-nos no lugar do ser humano que já percorreu as fases prévias, descritas anteriormente. Ou seja, um ser humano que purificou sua estrutura tríplice, usando suas possibilidades ao máximo, e no qual tal pureza se expressa notoriamente na composição de seu sangue. Um ser humano que, graças a esse

Apenas experimentar a luz não é suficiente no caminho que está diante de nós

estado purificado, pode adentrar, com chance de êxito, um processo de iniciação, que é coroado por uma iluminação plena, por um estado desperto, como o de um renascido. Pois bem, esse ser humano comprova que o autêntico trabalho alquímico agora está realmente à sua frente, e tudo o que vivenciou até então, todas as mudanças que lhe aconteceram na vida, tiveram lugar no âmbito íntimo e interior de seu sistema humano. Essa pessoa vivencia que o trabalho alquímico interior propriamente dito pode somente começar. Trata-se agora de trabalhar na mudança energética de seu corpo material grosseiro. É graças a seu estado de vida que novas forças e substâncias podem operar nele de modo que o corpo material grosseiro se una até certo ponto com o corpo da alma. Na medida em que isso não é possível, o corpo continua mortal. Agora, porém, graças à sua nova consciência desperta e aguçada, ele descobre que existe uma esfera, um espaço que até então lhe estava completamente vedado. É o interior do mais interior.

Na Antiguidade, esse santuário recebia o nome de Sanctum Sanctorum; era o lugar mais santo do que já era santo. Nesse núcleo do núcleo do núcleo de nosso sistema vital confluem todos os fios que formam nosso tapete ou rede vital. Empregamos três vezes a palavra “núcleo” porque realmente é assim: é o núcleo que está dentro de outro núcleo, contendo, por sua vez, um terceiro núcleo. Este último é o que costumamos chamar de “nosso foro interior”. Pois

bem, por baixo e por dentro deste “foro interior” ainda há mais dois núcleos, um dentro do outro. Esse núcleo central é um verdadeiro prodígio, pois é ali que se constrói a realidade.

Quando esse homem desperto aí penetra pela primeira vez, descobre sua verdadeira identidade e sua verdadeira “história”. Contudo, não o faz como se entrasse em um túnel do tempo, que o leva do presente ao passado ou do presente ao futuro pelas veredas do tempo. Não, pois ali o tempo não se comporta dessa maneira. Ali se encontra a esfera do eterno presente e, por isso, tudo está simultaneamente no agora. Pois bem, quando o ser humano desperto compreende tudo o que contempla, descobre um ponto muito concreto, no qual todo o seu sistema triplo está sujeito ou ligado à esfera existencial planetária; e que devido a isso, sua essência divina está retida e atada à roda da vida e da morte, ao circuito incessante de nascer, florescer e perecer.

Sabe então que basta soltar a rede desse ponto para que o barco possa começar sua travessia, para que seu ser divino imerja no mundo do Espírito Divino. Ao mesmo tempo, no entanto, sabe que se o fizer, ocorrerá com ele o que nos acontece pela manhã, ao despertar: tudo o que vivemos até então, durante a noite, nos parece um sonho irreal. Isto é, sabe que ao desatar esse laço perderá completa e paulatinamente o contato com o que lhe parecia real até aquele momento, e em seu lugar aparecerá a

verdadeira realidade, ofuscando tudo o que ficou para trás.

É claro que a tentação de abandonar esse vale de lágrimas é muito forte. Entretanto, quem chegou até esse ponto não o fará. Quem chegou até o ponto em que sua libertação total está ao seu próprio alcance, abrirá mão de tal opção nesse momento e a postergará. Por que? Por saber que a lei do amor espera que ele mantenha contato com seus semelhantes ainda adormecidos, a fim de ajudá-los, no que for possível, em seu caminho de purificação e iniciação.

Este é o fundamento do princípio cristão, segundo o qual Jesus Cristo renunciou à sua própria glória para ajudar seus irmãos, os homens. E este também é o fundamento dos bodhisattvas, na tradição budista, que renunciam ao nirvana para seguir em contato com os seres humanos e ajudá-los.

Na realidade, não existe maior sacrifício possível que esse. Ele gera tais efeitos sobre o nosso planeta, que aí reside a causa de muitos fenômenos ocorridos diariamente e que não podem ser explicados. Pois viver nesse plano de existência superior, dispondo de tal estado de consciência e dessa visão da realidade, ocasiona poderosa mudança eletromagnética na atmosfera, a qual acelera o processo de despertar para milhares de seres humanos, na realidade, para centenas de milhares! A Rosa-Cruz consagra-se a esse trabalho, razão pela qual dizemos que a Escola da Rosacruz Áurea é uma escola de mistérios. Seu centro de gravidade

essencial encontra-se na esfera do núcleo mais interior. Dali ela dirige, dia e noite, uma corrente de amor e força para toda a humanidade. E o plano consiste simplesmente em fazê-lo até que todos os seres humanos tenham atingido o despertar. Na esfera central mais interior, o tempo adquire uma projeção diferente; o amanhã, o ontem e o hoje apresentam-se como um todo, e assim notamos que a vitória final já aconteceu, mesmo sabendo que, por estarmos existencialmente no exterior do exterior, devemos passar por muitas provas e dissabores até encontrar, um dia, o hoje da vitória no presente.

Esperamos de todo o coração que, quando a Gnosis, a sabedoria divina, lhe fizer-lhe a tríplice pergunta, você possa responder com as três respostas corretas:

Quem és?

— Sou um raio de teu sol invisível.

De onde vens?

— De ti.

Para onde vais?

— Retorno a ti. ★



Arminius &



Externsteine

Quem reflete sobre a ideia de “tempo e espaço” vai perceber os períodos e lapsos de tempo irreversíveis que ocorrem na história da humanidade. É um grande ir e vir, uma contínua modificação das formas terrestres. A causa dessas transformações memoráveis está na circulação periódica de correntes magnéticas produzidas por forças cósmicas, por energias provenientes de radiações, que levam nosso planeta a movimentar-se, de tempos em tempos, por um campo magnético diferente.

Um princípio fundamental diz que “a Luz sempre retorna ao lugar onde um dia brilhou”. A Luz espiritual divina pode retrair-se por um período quando um núcleo gnóstico foi reprimido no local onde atuou. Mas ela voltará a agir todas as vezes que o buscador amadurecer por meio de experiências decorrentes da busca interior. Quando a Luz é rejeitada em um local, ou núcleo, imediatamente ela passa a iluminar outro local e pode voltar a inflamar-se, após um período mais ou menos longo, no local precedente. Assim, no ano de 1965, o archote da Luz foi novamente aceso no templo do Centro de Conferência van Rijckenborgh em Bad Münden, um dos numerosos núcleos mundiais da Rosacruz Áurea, que se revelou como um local de ressurgimento de uma chama muito antiga. Afinal, Bad Münden fica próximo à floresta de Teutoburger, onde existe uma formação rochosa monumental conhecida pelo nome de Externsteine, um antigo centro espiritual, em Wesenbergländ (região do rio Weser). Ao contrário das regiões sul e leste, o centro e o norte da Europa ficaram praticamente desabitados durante os primeiros milhares de anos que se sucederam à Era Glacial. Não obstante, ainda antes da Era Cristã se estabeleceram na Europa Central, onde hoje está a Alemanha, os indo-germânicos, povo com crânio de forma alongada, de alta estatura e de cabelos loiros. Além de caçar, eles lavravam a terra e dominavam o fogo, o que os auxiliou na forja de placas redondas e em forma de meia-lua, símbolos do sol e da lua. A paisagem montanhosa da região do Weser é rica em santuários germânicos antigos, todos situados nos arredores de Bad Münden. Muito antes de nossa era,

todas as tribos sedentárias possuíam lugares de culto, os quais expandiam-se espiritualmente para além dos costumes locais, com um raio de caráter regional e soberania reconhecida.

A região em torno do Externsteine e de Hohenstein é um desses lugares. A maior parte das pessoas que visitam o Externsteine vê apenas um grupo de imponentes rochas, cuja idade é difícil de ser determinada, assim como ocorre com outros santuários antigos que conhecemos. Porém, quem tem uma visão de mundo mais profunda descobre algumas particularidades que podem ser comparadas, em seu simbolismo espiritual, com o Vale do Ariège, nos Pirineus franceses. Nas duas regiões a iniciação era realizada com o “ritual do sepultamento”, a chamada endura. Provavelmente os quinze penhascos de arenito que formam o Externsteine, com aproximadamente 30m de altura cada um, fossem antigamente cercados por uma floresta densa e impenetrável. Nesse lugar, as cerimônias religiosas eram realizadas de forma invisível para o mundo exterior.

Antes de descrevermos as relações entre o Arminius e o Externsteine, vejamos mais alguns dados sobre essas notáveis formações rochosas.

Egge-Sternstein ou Externsteine significa “pedras de ângulos estelares”. Bem no alto dessas rochas, em um dos penhascos mais elevados, foi escavado o altar do sol, defronte ao qual há uma rocha erguida em forma de estrela de cinco pontas, também conhecida como pentagrama.

Outros símbolos que se destacam são o Irminsul e a linha da lua. O Irminsul é tido como o pilar ou árvore do mundo. Ele foi considerado como um pilar erguido por Deus, através do qual

os sacerdotes podiam entrar em contato com Ele. Voltado em direção à Estrela Polar, ele estava em conexão com toda a abóbada celeste e o mundo divino. Sobre a linha da lua, podia-se dizer que o sol e a lua eram vistos, respectivamente, como os princípios paterno e materno. O culto a Maria, amplamente disseminado a partir da Era Cristã, é, na verdade, uma continuação do culto à lua de outrora.

No centro do complexo de rochas está a Descida da Cruz, obra prima de origem incerta, datada de um período mais recente, por volta do século 9. Segundo muitos, não há em toda a Europa algo de semelhante beleza e expressão. Além disso, essa notável obra parece representar a transição entre o paganismo e o cristianismo.

Rudolf Steiner estudou o fenômeno do Externsteine, especialmente quanto à sua relação com os romanos na época de Arminius. A seguir, algumas informações de suas descobertas.

Steiner considera o Externsteine e seus arredores o centro espiritual da Europa no início da Era Cristã.

Através de entidades superiores, que traziam sua sabedoria dos antigos atlantes, partiam dali outrora os maiores impulsos espirituais para os povos germânicos do norte e do oeste da Europa, com a missão de promover a evolução da alma natural para a alma espiritual. Nesse contexto, parte da humanidade possuía a faculdade da clarividência, e, para que pudesse conceber a vida terrena como escola e aprendizado, precisaria voltar-se mais profundamente ao mundo material abdicando, portanto, dessa faculdade. Assim, após determinado lapso de tempo, a ligação com o mundo espiritual seria restabelecida de nova maneira, através de Cristo.

No ano 9 d.C, ocorreu, entre germâni-



No centro do complexo de rochas está a Descida da Cruz, uma importante obra de arte do século 9

Entre os grandes comandantes germânicos, ninguém despertou tanto a imaginação das pessoas quanto Arminius, o querusco

cos e romanos, a Batalha da Floresta de Teutoburgo, também chamada de Desastre de Varo, a qual está estritamente relacionada aos fatos até então narrados e foi liderada, do lado germânico, por Arminius (ou em alemão Hermann), o querusco. Como resultado da batalha estabeleceu-se o rio Reno como fronteira entre os impérios romano e germânico, tanto do ponto de vista territorial como cultural.

Mais tarde, o centro espiritual da Europa mudou-se para o centro do Santo Graal. Dos grandes líderes germânicos do início da era cristã, nenhuma outra figura estimulou a imaginação, abalou os sentimentos e agitou as investigações científicas como Armínio, o querusco. Continuamos com os dados mencionados por Rudolf Steiner.

No ano 4 d.C., Arminius, o querusco, então com 14 anos de idade, foi considerado maduro para a iniciação nos mistérios do deus Wotan, divindade maior da cultura germânica pagã. Esses mistérios se desdobram sobre o Externsteine enquanto centro de iniciação. Segundo Rudolf Steiner, o ser de Arminius, o querusco, já havia vivido antes no corpo de um antigo iniciado dotado de virtudes do mundo espiritual, de modo que, para realizar a missão que então lhe era confiada, a alma de Arminius, o querusco, teve de se adaptar às condições culturais de sua época. Ele teve de evitar que os romanos

conseguissem avançar para o norte, o que seria fatal para a continuidade da evolução espiritual prevista pelo plano divino para o mundo. Os comandantes romanos conheciam o centro espiritual germânico de Externsteine, e sua meta era tomá-lo para desestabilizar a unidade cultural daquele povo. Com esse fim, no ano 16 d.C., um grande exército romano comandado por Julio Cesar Germanicus empreendeu um último ataque para apropriar-se das terras dos germanos, chegando até o rio Elba. Até Pôncio Pilatos estava nesse exército como jovem oficial – o mesmo que, anos mais tarde, como prova de sua

abstenção, lavou as mãos no julgamento de Jesus Cristo. Próximo a Extersteine, na floresta de Teutoburger, o exército romano foi abatido de forma devastadora pelos “selvagens” germanos sob o comando de Arminius, o querusco, conforme retratado na imagem abaixo. O historiador romano Tácito disse que Arminius, o querusco, foi, sem dúvida, o libertador do povo germânico e o descreveu como um comandante que ousou





No ano 4 d.C. Arminius, o querusco, foi iniciado nos mistérios do deus Wotan, uma cerimônia no centro de iniciação de Extersteine

atacar o império romano no auge de seu poder.

A esse respeito Rudolf Steiner diz que sem essa vitória decisiva o destino dos povos de língua germânica, de toda a Europa e até mesmo do mundo inteiro, teria sido totalmente diverso. Os países do oeste e do norte europeu não falariam o idioma germânico, mas sim uma espécie de latim. Possivelmente não teria havido Goethe, Bach, talvez nem mesmo Shakespeare, para citar apenas alguns dos numerosos gênios das línguas germânica e anglo-saxônica. Mas tudo isso teve de acontecer para o desenvolvimento espiritual da humanidade. Os romanos também tentaram subjugar os britânicos celtas no ano 61 d.C., mas estes, sob o comando da rainha Boudicca, opuseram dura resistência em uma guerra terrivelmente

sangrenta.

Bad Münder

Assim, retornamos ao fato de que a Luz universal sempre volta ao local onde outrora esteve presente. Prova disso é que o archote da Luz foi aceso no novo núcleo de Bad Münder, nas proximidades do centro espiritual de Extersteine. Nesse meio tempo entramos, enquanto humanidade, no período de Aquário.

Os dois campos magnéticos, o dialético e o gnóstico, estão se aproximando um do outro nesses tempos do fim mais do que o normal e, com isso, as chances de libertação são maiores do que antes. Além dos muitos núcleos da Rosacruz Áurea na Europa e em outras partes do mundo, existem naturalmente outros agrupamentos que têm a tarefa única de ligar as pessoas buscadoras de todo

o mundo à Luz.

E, assim, é novamente forjada uma *Una Sancta* em todo o mundo: uma *Fraternidade* de que, de fato, está neste mundo, mas não é deste mundo, e fará a colheita do novo homem que está chegando.☉

Links: *Furor Teutonicus*, a batalha em Teutoburgo, ano 9 d.C, pintura de Paja Jovanovic (1859-1957). A pintura original foi perdida

O legado de Carl Gustav Jung

Jung nasceu no final do século 19, quando a ciência empírica, baseada na crença otimista do progresso humano, estava em pleno desenvolvimento. Essa ciência queria conduzir todas as experiências a resultados quantitativos de observações objetivas, às proporções do que poderia ser calculado. A partir de uma visão como essa, era inevitável que o mundo mítico e religioso fosse considerado irracional, ilusório. O céu e o inferno tornaram-se totalmente invisíveis; os deuses e demônios estavam mortos e enterrados, sem exceção. Jung, cuja primeira intenção era a de estudar as Ciências Naturais, e talvez, em seguida, a Medicina interna, tentou ser um cientista confiável – afinal, ele pensava que era isso que esperavam dele.

Mas, ao lado de tudo isso, sempre houve, desde sua tenra infância, uma influência misteriosa que inicialmente era invisível e quase imperceptível. Ele foi criado por uma mãe dotada de capacidades psíquicas paranormais, até mesmo mediúnicas, que levava seu filho a sessões espíritas organizadas por sua família. Ele foi menos influenciado pela personalidade relativamente apagada de seu pai do que pelas notáveis personalidades de seu avô materno, um linguista célebre, especialista em língua hebraica,

um antistes, ou presidente do conselho da Igreja e pastor, e de seu avô paterno, que assumiu o cargo de reitor da universidade onde ele dava aulas e foi também o grão-mestre dos “maçons suíços unificados”. Até corria o boato de que ele seria filho natural de Goethe, fato que Jung comemorava secretamente. Quando menino, Jung também vivenciou experiências espirituais sob a forma de sonhos iniciáticos bastante estranhos. No fundo, ele sabia que era não somente um menino, mas também um velho sábio que já havia vivido em tempos mais antigos. Portanto, não é de se espantar que ele tenha se



tornado mais tarde um leitor ávido dos pensadores que o inspiraram como Nietzsche, Goethe, Swedenborg, Schopenhauer, Eckhart e Boehme, que percorreram, cada um por sua vez, seu próprio caminho iniciático. As conferências de Zofingen ministradas por Jung refletem tudo isso bem claramente. Trata-se de palestras que aconteceram entre 1896 e 1899, quando ele estudava na Universidade da Basileia, que na época era uma cidade assombrada pelo espírito de Paracelso. Nessas conferências, também transparecia um pessimismo gnóstico, principalmente quando ele diz: “Temos uma fé exagerada

neste mundo, acreditamos com muita firmeza que a felicidade vem do sucesso, apesar de vermos que os grandes, como Cristo e os sábios de todos os tempos nos ensinam e nos mostram que precisamos fazer exatamente o contrário. (...) Parece que as pessoas se esqueceram disso e já não querem ser lembradas de que todas as visões transcendentais do mundo são pessimistas. Elas baniram todas as formas de metafísica e se apegam com uma ingenuidade que chega a ser idiota aos belos discursos sobre uma ética livre de toda e qualquer metafísica, que pode se traduzir, é claro, por um otimismo dos

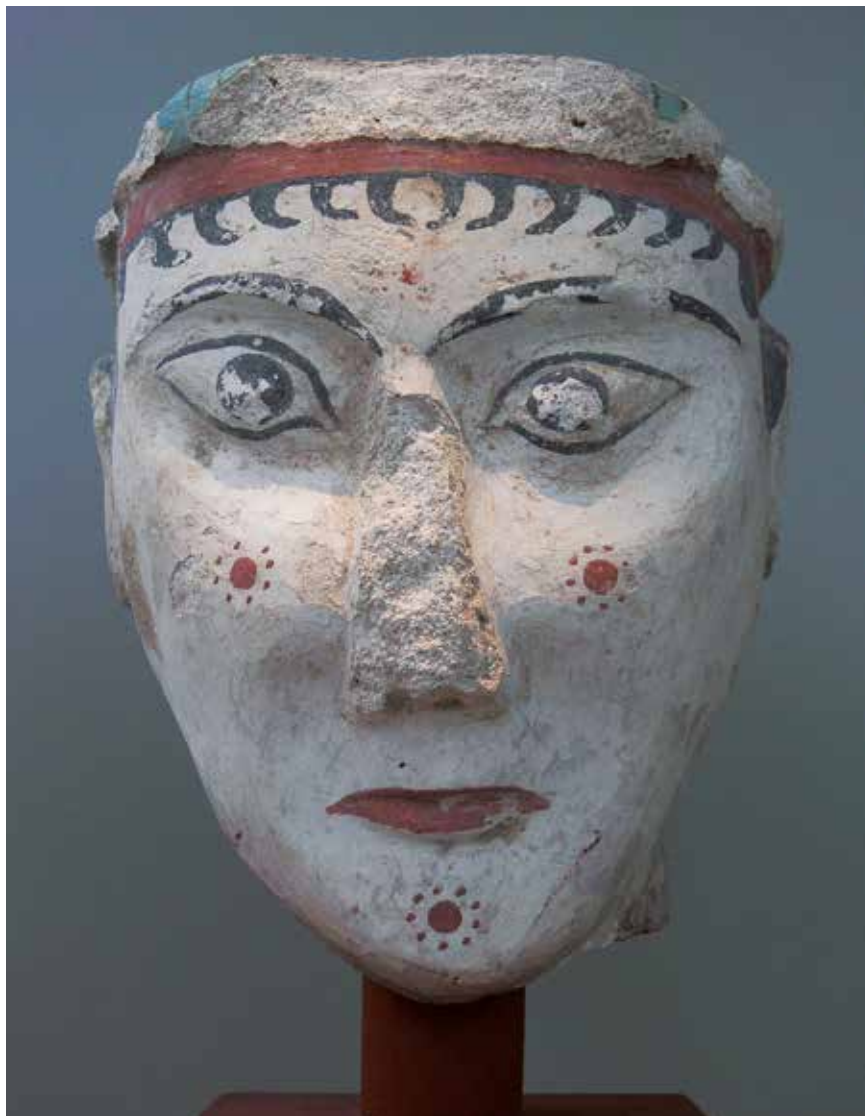
Nos desenhos e pinturas de Törsten Slama, as representações tradicionais se fundem com abstrações e imagens provindas do subconsciente. “Para os que aspiram a iluminar seus corações e suas almas. Para os que estão fatigados e para os desencorajados, para reconfortar seus espíritos por alguns instantes. Se você está buscando socorro, este é o lugar”, ele escreveu como introdução à sua ficção. Essas palavras valem também para sua arte, na qual algo assim como uma hipótese fluida ressoa a partir das diferentes esferas de consciência. (Publicação com autorização do artista).

mais exasperantes”.

Esses propósitos realmente não são, de acordo com nosso modo de pensar, algo com base no qual poderíamos esperar um futuro científico. Curiosamente, são os próprios cientistas (e estamos pensando em Charcot, Janet, Breuer e, claro, Freud) que descobriram o estranho fenômeno do inconsciente. Primeiro, esse conceito foi definido como um subconsciente, como algo que é inferior ao pensamento consciente e que remonta a um passado longínquo na infância, que retorna à superfície sob a forma de reações desviantes, comportamentos neuróticos e psicóticos. Exatamente como o mundo subjetivo dos sonhos, esse inconsciente, que vem do interior, perturba frequentemente cada comportamento racional e, assim fazendo, é duramente rejeitado por nossa opinião racional e nossos pensamentos conscientes. Logo, quando a ciência da época estava redescobrando o mundo da fé e da superstição, o subconsciente ainda era considerado algo que revelava uma espécie de doença mental. A doença mental somente poderia ser tratada e sanada por meio da hipnose, pela análise dos sonhos ou por exercícios de livre associação. *Wo Es war, soll ICH werden* – ou seja: onde estivesse o subconsciente, deveria surgir o consciente. Freud esperava que seu colega Jung se tornasse um representante fiel desse lema e o considerava um

Retrato de uma esfinge ou de uma deusa de Micenas, na Grécia, entre 1300-1250 a. C. (Museu Arqueológico Nacional de Atenas)

O rosto humano pode ser fechado, mas em seu interior convergem as alturas do mais puro êxtase e as correntes mais profundas do subconsciente. Através dos séculos, milhares de artistas modelaram o rosto, como um mundo dentro de um mundo no qual expressam o que vive dentro do microcosmo



sucessor digno de confiança. Mas, depois de ter apoiado seu mentor durante muitos anos, Jung mudou radicalmente sua concepção a respeito do inconsciente. Seu trabalho na clínica Burghölzli, em Zurich, havia lhe mostrado claramente que existia algo muito significativo nas vociferações aparentemente insensatas dos pacientes psicóticos e esquizofrênicos, e que seus complexos carregados de emoções comportavam, na verdade, um significado secreto. Além disso, ele havia observado enorme semelhança entre as representações improvisadas das pessoas doentes e, por exemplo, algumas imagens religiosas, ideias gnósticas e rituais dos Mistérios da antiguidade. Convencido de que o inconsciente não é somente um desvio pessoal e subjetivo de uma realidade objetiva, Jung acabou rejeitando a hipótese freudiana. Ele passou a já não considerar o inconsciente um depósito de conteúdos rejeitados, mas sim um estado psicológico independente, capaz de produzir imagens pessoais transcendentais que demonstraram ser as mesmas em épocas e culturas diferentes. Como psiquiatra, o mais importante ainda era ter a esperança de que uma comunicação com as camadas profundas desse inconsciente pudesse curar as doenças e os pacientes, ou pelo menos contribuisse para que eles pudessem estar aptos para auxiliar a si mesmos. A partir daí Jung entrou no campo da pesquisa objetiva, rumo ao que ele chamou inicialmente de “dominantes do inconsciente” e, mais tarde, de “arquetipos”, tomando a direção de Platão, Agostinho e das fontes herméticas. Depois de realizar um estudo comparado e profundo das mitologias, da história da cultura e das ciências religiosas como uma espécie de ciência física da psique, ele estava pronto para seguir a energia psíquica que se oculta por detrás da criação dos símbolos, por detrás da fantasia

e da imaginação. Assim, ele trouxe à vida muitas imagens vazias de sentido e mortas, que pertenciam a um passado longínquo. Nessa época, para explicar tudo isso, ele não dispunha de um quadro interpretativo diferente do de Freud, que traduzia cada símbolo em termos de energia sexual ou libido. Isso provocava profundo conflito interior na alma de Jung, semelhante ao do herói da libido ou, em termos míticos, do herói solar que, em uma viagem noturna no mar, precisava combater o monstro do inconsciente que ele quase consegue matar. Nessa época ele foi assediado por energias obscuras, como forças estranhas e sombrias. Freud, que havia rejeitado com firmeza seu “misticismo”, sentindo-se traído, resolveu bani-lo de seus círculos. Depois dessa ruptura, Jung passou por grave depressão, que alguns chamaram de “doença criativa”, que o levou aos limites da psicose. O mundo espiritual que ele havia conhecido “inconscientemente” durante sua juventude, e que havia desaparecido por longo tempo, agora estava prestes a voltar à vida em sua existência como um elemento importante, mas também perigoso. Sem qualquer proteção, ele quis submeter-se ao mesmo estado de espírito que o de seus próprios pacientes e assim passar por tudo o que eles haviam passado. Como todos sabem, foi nessa época (entre 1913 e 1916) que ele começou a escrever seu diário no qual, com linguagem semi-religiosa, ele descrevia todos os seus sonhos e suas visões. Esse diário foi logo conhecido como o Livro Vermelho e foi publicado quase cem anos mais tarde, com introdução e anotações fornecidas por Sonu Shamdasani. Assim, esse livro contém o resumo das atividades de Jung em busca de sua alma. Percebiam a amplitude da honestidade desta confissão: “Minha alma, onde estás? Tu me escutas? Eu falo e clamo a ti – estás aqui?

Eu voltei, estou novamente aqui – eu sacudi de meus pés o pó de todos os países e vim a ti, estou contigo; após muitos anos de longa peregrinação voltei novamente a ti. Devo contar-te tudo o que vi, vivenciei, absorvi em mim? Ou não queres ouvir nada de todo aquele turbilhão da vida e do mundo? Mas uma coisa precisas saber: uma coisa eu aprendi: que a gente deve viver esta vida. Esta vida é o caminho, o caminho de há muito procurado para o inconcebível, que nós chamamos divino. Não existe outro caminho, todos os outros caminhos são trilhas enganosas. Eu encontrei o caminho certo, ele me conduziu a ti, minha alma. Eu volto retemperado e purificado. [...] Minha alma, contigo deve continuar minha viagem. Contigo quero caminhar e subir para minha solidão. Foi isto que o espírito da profundidade me obrigou a falar e ao mesmo tempo viver contra mim mesmo, pois não o esperava. Naquele tempo estava ainda totalmente preso ao espírito dessa época e pensava de outro modo sobre a alma humana. Eu pensava e falava muita coisa da alma, sabia muitas palavras eruditas sobre ela, eu a analisei e fiz dela um objeto de ciência. Não tomei em consideração que minha alma não pode ser objeto de meu juízo e saber: antes, meu juízo e saber são objetos de minha alma. Por isso obri-

gou-me o espírito da profundidade a falar para a alma, a invocá-la como um ser vivo e subsistente em si mesmo. Eu tinha de entender que havia perdido minha alma”. Esses suspiros provêm do fundo do coração de Jung: eles são seu grito de libertação da prisão científica da época. Nesse livro impressionante, podemos ouvir o eco das grandes obras da literatura mundial, mas é, sobretudo, a linguagem gnóstica que aí está expressa. Jung havia lido os belos salmos gnósticos que lhe haviam sido enviado pelo teósofo G.R.S. Mead. Muitos anos mais tarde, Jung o visitou em Londres para agradecer-lhe pessoalmente pela excelente tradução e publicação desses textos gnósticos. É importante observar que Jung chamava de “verdadeiros amigos” todos esses gnósticos que o haviam auxiliado nessa descida solitária até as profundezas do inconsciente. No entanto, nessa época, ele ainda não conseguia compreendê-los totalmente, pois lhe faltava conhecer o elo indispensável da Alquimia, que ele descobriu somente bem mais tarde.

Ele considerava os gnósticos os primeiros psicólogos a ter verdadeiramente compreendido e traduzido os impulsos do inconsciente a partir de uma visão mitológica do mundo, muito mais rica que a da Igreja Católica com seus dogmas rígidos. Em seu Livro Vermelho, encontramos também o conceito da formação da teoria junguiana, já designada pela expressão de “Psicologia Analítica”.

Tendo essa nova teoria como base, ele fundou, em 1916, seu próprio “Clube de Psicologia de Zurich”. Pouco depois da guerra, ele a apresentou pela primeira vez no exterior, em Londres, depois de ter viajado para a Cornualha e para o oeste da Inglaterra, onde a lenda do Graal sempre está viva. A Psicologia Analítica nasceu da confluência de duas correntes, sendo que uma surgiu diretamente das profundezas

de seu próprio mundo irracional, como em um sonho ou uma visão profética, e outra que serve de proteção contra o perigoso domínio do inconsciente. Na verdade o mundo psíquico parecia ser para Jung como algo muito ambivalente: ao mesmo tempo como uma mãe positiva e geradora de vida, mas também como uma madrasta aterradora e voraz, sempre à espreita da jovem consciência do ego nascente. Era a natureza interior em sua forma mais dualista e errática. Jung via nessa natureza a fonte criadora das religiões, dos dogmas e dos rituais religiosos, representada antigamente pelas igrejas institucionalizadas que, além disso, haviam imposto uma crença coletiva.

Nesse momento em que as instituições haviam perdido, em grande parte, seu impacto sobre a consciência das pessoas, era importante para Jung entrar em diálogo direto com as correntes de energia inconscientes. Era necessário vivenciar um confronto pessoal, a fim de que ele se tornasse uma pessoa autônoma e inteira, um indivíduo em equilíbrio com seu consciente e com seu inconsciente. Jung estava convencido de que isso somente seria possível por meio de um processo de integração (que ele chamava de “individualização” – ou em alemão Selbstverwirklichung). Esse processo deveria começar pelo desvelamento de inúmeras máscaras da personalidade – o comportamento social e moral, determinado pela influência da imaginação coletiva – e continuar, no decorrer de um processo de imaginação ativa (a ativação da formação pessoal do símbolo), pelo confronto com as forças obscuras da consciência primeiramente individual e depois coletiva, reconhecida como figura de sombra, que é preciso ser integrada.

Em seguida vem a luta com a dualidade da vida: para um homem, isso significa um combate com a *anima* ou o duplo

Para Jung era importante dialogar diretamente com as correntes de energia inconscientes



feminino; para uma mulher, com o *animus* ou o duplo masculino. Em outros termos, trata-se das projeções de nossa própria alma polarizada e, de maneira mais geral, da vida com toda a sua ambiguidade. Mais tarde adquirimos a capacidade de receber lições do “velho sábio”, ou da personalidade-Manas e do arquétipo do espírito que age nos bastidores – tudo isso correndo o risco de nos tornarmos submissos ou de nos identificarmos erroneamente com esse arquétipo. É somente pela realização do ser pessoal, ao transformar e introjetar as energias que correspondem a todas essas iden-

tificações, e sobretudo sem que o ego se confunda com o ser, é que podemos atingir o objetivo tão esperado da cura pelo “tornar-se Um”. E, é claro, isso somente pode resultar de um processo contínuo de diferenciação e de integração. Armado com esses novos conceitos psicológicos do funcionamento do inconsciente, Jung acreditava que havia conseguido uma chave importante com a qual podia abrir portas que haviam ficado fechadas por muito tempo. Ele tornou acessíveis ao homem moderno antigas verdades, recolhendo e comparando dados empíricos que coletara nas mais

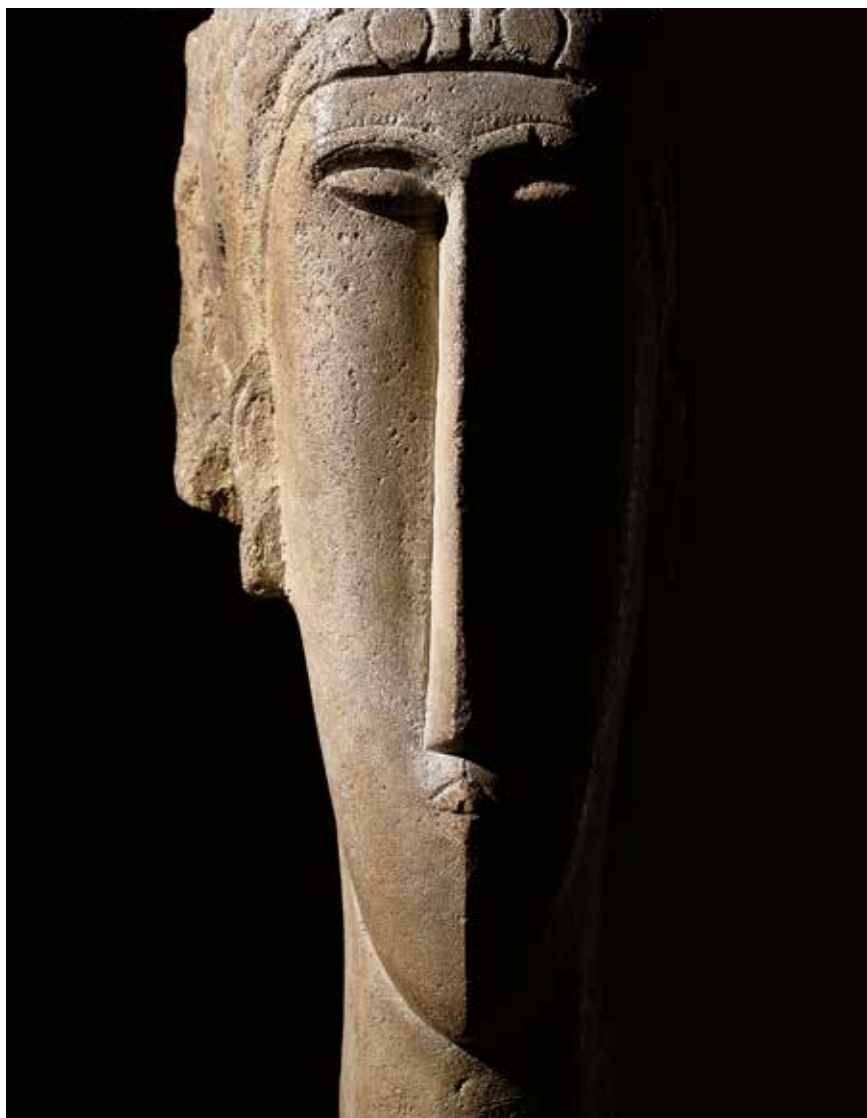
variadas fontes. Retirando-as de seu cenário metafísico, ele conseguiu explicar essas verdades com uma linguagem específica que todos podiam compreender facilmente: a linguagem da Psicologia das Profundezas. Mesmo correndo o risco de reduzir tudo isso a um ponto de vista psicológico, ele tinha a intenção secreta de romper com a visão restritiva e obtusa do homem moderno e, acima de tudo, tornar acessíveis ao

Cabeça. Modigliani criou esta escultura em 1909, extremamente influenciado pelas máscaras étnicas africanas, que sugerem um mundo interior animado

Mesmo que a astrologia, o tarô e o *I-Ching* são discutíveis de um ponto de vista psicológico e científico, Jung os apresentou de modo objetivo

grande público livros espirituais como *O Livro Tibetano da Grande Libertação*, *O Segredo da Flor de Ouro* e outros tratados alquímicos medievais como *Aurora Consurgens* e *Rosarium Philosophorum*. De um modo objetivo e neutro, quase como um profano, sem que alguém suspeitasse que ele poderia ser um propagandista ou um camponês de alma simples, ele conseguiu revalorizar o estudo astrológico dos horóscopos, a utilização das cartas de tarô e o *I-Ching*. Com a mente totalmente aberta e imparcial, Jung foi quase a figura central das Conferências Eranos em Ascona, que reuniam os estudiosos mais polêmicos de seu tempo, como James Hillman, Henry Corbin (o especialista em gnósticos comemorado recentemente em Amsterdã), Gilles Quispel e muitos outros, vindos das mais diversas disciplinas.

Além disso, ele procurou encontrar soluções para curar o homem ocidental e sua cultura. Como um verdadeiro médico da alma, ele queria curar os ferimentos de Amphortas, o rei da lenda do Graal. Na doença desse rei pescador ele reconhecia a doença de seu pai, o pastor da paróquia que sofria seriamente com suas próprias dúvidas religiosas e parecia não conseguir reconhecer a graça da experiência viva do Espírito Santo, que Jung, de maneira muito direta e pessoal, achava que havia recebido. E mais: ele buscou sua inspiração em grande parte no simbolismo



alquímico, e bem antes que o advento da Psicologia das Profundezas viesse compen-
salar o caráter exclusivo da fé cristã.
Assim, por exemplo, os alquimistas
tinham símbolos para representar seu
próprio salvador: a pedra filosofal, que
poderia transformar chumbo em ouro.
De acordo com Jung, eles descobriram
novas maneiras de perpetuar a encarnação
divina, não apenas em uma única figura
histórica como o filho perfeito de Deus,
mas também na matéria imperfeita, na
psique de cada ser humano; não só em
uma fé coletiva, mas também em uma
autorrealização atual.

Assim, muito tempo depois dos gnósti-
cos, eles abriram caminho para uma nova
compreensão das fórmulas dogmáticas,
principalmente a fórmula da Trindade,
da crucificação e da ressurreição, assim
como práticas rituais como a celebração
da missa e o batismo.

Além de aplicar seus próprios conceitos
aos símbolos alquímicos, aconteceu algo
muito estranho. Jung percebeu que eles
não somente confirmavam sua teoria, mas
também se sentia obrigado a modificar o
conteúdo de seus conceitos, aprofundá-
los substituí-los a partir de uma perspec-
tiva muito mais ampla. Foi o que aconte-
ceu quando ele quis compreender certos
símbolos como o *lapis philosophorum*, o
corpus glorificationis ou “corpo de diamante”,
o arqueus de Paracelso, o *scintillia*, ou “a
centelha de Luz” dos maniqueus, o *conso-
lamentum* dos cátaros ou – o que ele defi-
niu melhor em seu *Magnum Opus Mysterium
Conjunctionis* – o casamento alquímico dos
Manifestos Rosa-Cruzes. Ele alcançou os
limites da ciência psicológica, como con-
firmou em uma das Palestras de Tavistock
que realizou em Londres em 1935 no
Instituto de Psicologia Médica, diante de
um público de médicos e psicoterapeutas.
“Quanto mais nos aprofundamos nos
problemas fundamentais da psicologia,

mais nos aproximamos das ideias que es-
tão carregadas de preconceitos filosóficos
religiosos e morais. É por essa razão que
precisamos tratar de certas coisas com o
máximo de prudência.” Foi assim que
Jung se expressou em sua obra *Fundamentos
da Psicologia Analítica*.

Durante muito tempo ele argumentou
que isso dizia respeito apenas a um pro-
cesso puramente psicológico. Apesar de
saber muito bem que havia implicações
espirituais ou metafísicas, ele se recusou
a se pronunciar mais sobre esse assunto.
Ele queria continuar a ser considerado o
empirista que havia sido no início de sua
carreira: “Primeiro vêm os fatos; depois,
as teorias”.

Além disso, temos a convicção de que seu
agnosticismo não era como o de Darwin
ou Freud: parecia mais ser uma ignorân-
cia mística que destacava a “nuvem do
não-saber” ou o “silêncio inefável” dos
gnósticos, o *Ain Soph* dos judeus cabalistas,
ou o *Ungrund* de Boehme. Durante uma
entrevista na BBC, em 1959, quando John
Freeman lhe perguntou se ele era crente,
Jung balançou a cabeça e disse: “Eu não
creio: eu sei”. No entanto, sua resposta
ainda soava de um jeito muito ambíguo.
Em seus *Pensamentos Tardios* ele chega a
escrever: “Na ausência de fatos empíri-
cos eu não sei nem conheço o tipo de
forma de ser geralmente designado como
espiritual. Quanto à ciência, pouco importa
o que eu acredito a esse respeito. Preciso
me contentar com minha ignorância
(...) Toda compreensão, tudo o que é
compreendido, é psíquico em si mesmo:
somos desesperadamente prisioneiros em
um mundo puramente psíquico. No en-
tanto, temos razões suficientes para supor
que, por detrás desse véu, existe o objeto
absoluto incompreendido, que age em
nós e nos influencia, mesmo nesses casos,
especialmente nos fenômenos psíquicos,
onde nenhum fato real pode ser estabele-

cido.” (*Lembranças, Sonhos, Pensamentos*).

Nesse momento, trata-se de saber se Jung, às portas da terra prometida que desejava explorar, não estaria sofrendo de uma espécie de agorafobia, por estar tão assustado com o vasto espaço vazio do infinito. No entanto, ele bem que tentou redefinir seus conceitos básicos, principalmente depois de sua crise cardíaca e de sua experiência de quase morte, em 1944. Assim, ele indicou muito claramente que o que ele chamava de *arquétipo* era apenas o “empréstimo psíquico do arquétipo propriamente dito”, como dizia Kant. Em uma entrevista com Wolfgang Pauli sobre a Física Quântica, ele novamente inventou o termo *sincronicidade* para descrever como os fenômenos da psique poderiam ser acompanhados judiciosamente de eventos do mundo psíquico, e isso sem nenhuma ligação de causalidade. Em seguida, ele falou, de repente, de “psicoide”, tentando reunir a matéria e o espírito no campo da alma.

Ele especulou sobre o fato de o *self* provavelmente não ser somente resultado da associação ou da totalidade do consciente e do inconsciente, mas afirmou que ele deveria ser visto como uma matriz pré-existente ou como o motor da individuação. Mais tarde, em seu livro *Resposta a Jó*, ele tentou explicar o fenômeno da individuação global da humanidade em termos de autorrealização do Deus do Antigo Testamento. Consequentemente, é natural que perguntemos se Jung finalmente trouxe para a Psicologia conceitos que ainda eram metafísicos e teológicos ou, ao contrário, simplesmente tentou teologizar seu próprio sistema psicológico ao misturar todos esses aspectos. O fato é que, no final de sua vida, Jung tentou depurar sua visão dos limites de seu antigo quadro de pensamentos científicos, como podemos ver em seu livro póstumo *Lembranças, Sonhos e Pensamentos*.

“A Física está tacitamente convencida de que existe um objeto transcendente, não físico. No entanto, ela também sabe como é difícil conhecer a verdadeira natureza desse objeto, principalmente porque nossos órgãos de percepção são insuficientes ou até mesmo nos faltam, e porque não existem formas de pensamento apropriadas e, portanto, precisam ser criadas.” (*Memórias*, p. 301)

Será que neste ponto não poderíamos supor que esse órgão de percepção já está em vias de se desenvolver, e que essa forma de pensamento já existe? Talvez já tenha chegado a hora de ligarmos a base empírica do pensamento junguiano com as categorias metapsicológicas/metafísicas e reais e considerá-las um reflexo empírico de uma realidade meta-empírica, assim como um reflexo da luz sobre a água. É nessa mesma ordem de ideias que Étienne Perrot, o célebre estudioso francês tradutor de Jung, chama o “caminho junguiano através do inconsciente” de “o caminho da água”. Jung nos convida a abandonar o apoio de um pensamento muito ligado à terra. Ele nos convida a descer e abandonar a influência aprisionadora da consciência-eu. Ele dissolveu as opiniões cristalizadas e as tornou flexíveis e fluidas. Ele nos conduziu rumo a vastos oceanos onde podemos navegar, por mais que o eu consciente se veja ameaçado por ele.

Sem o apoio de uma estrela espiritual fixa, corremos o perigo de nos afogar nas profundezas das águas psíquicas. A Psicologia Analítica nos leva sempre até os limites da psicose, durante um estado de sonho inferior semelhante a um transe hipnótico ou como se estivéssemos sob efeito de drogas. Nessa situação, surgem contradições vagas e borradas, que em conjunto não são bem definidas. No final das contas, esse caminho inundado precisa ser abandonado e transcendido

O estudioso francês Étienne Perrot chama o caminho junguiano através do inconsciente de “caminho da água”

.....



por um fogo onipresente e devorador: um fogo que deseja nos conduzir rumo a novas e vibrantes dimensões de luz. Para conseguir converter todas essas forças em uma luz supra-luminosa, precisamos ser alçados por um espírito supraconsciente e transpessoal. Na verdade, a consciência transcendente está dissimulada nas profundezas do inconsciente como uma pepita de ouro, ou como a joia de lótus. Mas ela provém da natureza superior. É preciso não somente entregar nosso ego consciente a esse campo de força mais elevado, mas também oferecer a esse campo todo o nosso devotamento pessoal

e relativo. Para não nos perdermos nessa longa senda do crescimento psicológico, não basta aprender a discernir entre o consciente e o inconsciente. Trata-se também de separar a natureza obscura dialética, totalmente empírica, do mundo da luz imperecível do absoluto. Esse é o sentido hermético real do *solve et coagula* dos alquimistas e da reunificação dos contrários. Apesar de ter anunciado a chegada de uma nova era em seu livro *Aion*, Jung ainda era um filho de seu tempo, da Era de Peixes. Ele esperava com paciência o surgimento de novos horizontes, mas não teve a oportunidade de atravessar os

limites que a ciência de seu tempo havia estabelecido. No final de sua vida, ele declarou ainda: “Somente me imagino com meus pensamentos sobre o sentido e o mito do ser humano. Tudo foi dito a esse respeito, mas acredito que é o que pode ser dito – e precisa ser dito – no final desta Era de Peixes, em relação ao próximo éon que tomará forma humana”. (*Memórias*, p. 291) E nós, que chegamos ao período de Aquário, não

O *self* é a conexão vivente com todos os seres vivos e com a Divindade

disponemos somente da possibilidade de continuar o trabalho de Jung e de levá-lo a um bom termo: temos o dever sagrado de fazer isso! E precisamos fazê-lo não somente para nos tornarmos indivíduos integrados e um plano horizontal natural – o que é evidentemente uma transição necessária – mas também, no sentido mais real do termo, nos transformarmos em homens divinos, pessoas com espírito, de modo vertical e supranatural. É por isso que agora ousamos dizer publicamente que o *self* unificado não pode limitar-se à periferia da psique pessoal limitada: Ele precisa ser escrito com letra maiúscula! Ele é a centelha de Luz celeste em nós, que provém de uma realidade única, indivisível. Ele já não pode continuar limitado, confinado a uma realidade intrapsíquica fechada, mas precisa ser compreendido em seu sentido mais amplo, como uma realidade aberta, social, metafísica, cosmológica e transcendental. Em resumo: um Novo Ser. Ele é nosso laço vivo com a unidade onipresente da vida, o que nos liga a todos os seres e nos reúne com a única fonte divina.

Com certeza o eu não passa de um desenvolvimento biológico e psicológico. Para ficarmos preparados para alcançar nossos pontos mais altos, precisamos nos elevar em um caminho espiral até um plano de evolução superior, em um processo de regeneração total, passando por uma



Annie Parker, Siam Legacy SHE

completa transformação ou transfiguração. Assim, nos elevaremos a um nível multidimensional, acima do tempo e do espaço. Isso não acontecerá mediante uma regressão biográfica ou histórica, nem a partir de um retorno a um distante e esquecido passado, com a esperança de restaurarmos o que não funcionou direito em um processo unilateral ou um processo específico da sociedade ocidental, mas sim por meio de uma transposição total em um estado de ser completamente novo. Assim deixaremos de ser “nascidos da natureza”, como diz o texto hermético fundamental, para nos tornarmos “filhos das estrelas”, cidadãos do infinito e co-autores de uma criação universal. A partir desse ponto de vista, o processo de individuação mencionado por Jung é uma iniciativa importante com relação àquilo que podemos chamar de salto quântico a partir da existência empírica rumo ao Ser Absoluto – da natureza inferior rumo à natureza superior. Esse era o estado de ser interior do ser humano no início dos tempos: o estado dos Elohim, os criadores que conceberam mundos e seres segundo sua própria imagem e semelhança, a partir de sua energia e em função de seu plano de criação. Esse estado poderá ser e será novamente o último estado do ser humano espiritual, que é chamado de Adão Kadmon - o Homem-Cristo. A imagem desse ser, a *Imago Dei* ou imagem de Deus como a chamava Jung é o que ele entendia por arquétipo: a subjetividade absoluta, a onisciência eterna. Ela é justamente o Olho de Deus, através do qual Ele observa o Todo. No entanto, quando visto a partir do indivíduo que somos, esse Ser não pode ser mais do que uma inconsciência-do-Todo, que jamais será totalmente integrado. É por isso que também é dito: “Aquele que vê Deus morrerá” – para alcançar a consciência do todo “não em parte ou como

em um espelho (reflexo), mas sim face a face”. Como Paulo vislumbrou, é preciso vencer definitivamente as forças psíquicas inconscientes e ultrapassá-las todas. Para alcançar a consciência absoluta do Ser, a morte do velho homem psíquico e o nascimento do Novo Homem são uma exigência, como afirmavam os antigos gnósticos.

É um saber que também está oculto nas palavras da Primeira Epístola aos Coríntios, de Paulo, e que foi gravada na lápide de Jung no cemitério de Küssnacht: *Primus homo de terra terrenus, secundus homo de caelo caelestis* (O primeiro o homem é da terra, terrestre; o segundo é do céu, celeste. (1 Cor 15:47)

Portanto existem razões suficientes para chamarmos Jung de “Arauto da Nova Era”. Ele exprimiu sua sabedoria do amanhã de um modo aceitável pela ciência de seu tempo. Agora cabe a nós darmos mais um passo: um passo que Jung teria dado se vivesse em nossa época, transferindo essa “sabedoria eterna” para um novo tempo, um tempo no qual está se erigindo uma nova ciência: uma meta-ciência, holística, verdadeiramente espiritual. É o retorno da verdadeira Gnosis, uma Gnosis em sua manifestação atual, que tem como único objetivo libertar o ser humano de todas as suas resistências e divisões do passado, para torná-lo consciente e abrir seu espírito aqui e agora rumo à eternidade a dimensão do espírito humano é o infinito de seu próprio Ser. ★

Um traço

O tão comentado *Agora* deveria ser definido como um ponto: um ambiente estável em que nossos atos e gestos pudessem ser realizados serenamente e sem interferências. Mas os helenistas já sabiam: *Panta rheil* – Tudo muda! Na velocidade de um relâmpago ou como em uma morte lenta, “nesse instante” e “em breve” jorram e saltam na direção de um tracinho abstrato, onde o amanhã volta a ser passado, ininterruptamente.

Assim, de repente, em um piscar os olhos, tudo já passou. O que era esperança torna-se lembrança! Aparentemente, trata-se de duas partes de nosso modo de pensar. Onde fica então o espaço destinado ao *Agora*? O *Agora* não existe! Ele simplesmente não é real em nosso mundo: apenas nos contos de fadas ou na ficção. Em certo sentido, ninguém é capaz de saber – e menos ainda de dizer com precisão – que horas são exatamente agora. Pensamos que podemos dominar o tempo, mas ao invés disso, nos apressamos em correr atrás dele! Considerando bem, a corrida na direção do “tracinho” (que nem sequer é um traço), poderia ser chamada “atual” – palavra que literalmente significa “o que está em ação e por isso é ativo”, ou “aquilo que está agindo neste instante”. Trata-se de um oceano de movimentos, possibilidades, oportunidades, processos de desenvolvimento; uma região flexível, maleável, onde ainda é possível intervir para corrigir alguma coisa, antes que – logo depois que o tracinho desaparece – ela se coagule até se transformar em um disco rígido, saturado, no qual nada mais pode ser acrescentado. Tudo o que acontece só

acontece uma vez! O que existia antes desse tracinho vira lembrança. Mas essa situação também traz uma série de vivências, como um tesouro do qual é possível extrair livremente o que chamamos de “aspecto atual”, por assim dizer. A parte ativa – portanto o presente – trabalha na construção do futuro, com base na experiência do passado. Dessa maneira, o círculo é fechado, limitado por todos os lados e em lugar nenhum: é um *Nada* sem fim, no qual o *Agora* e o “agorinha mesmo” se fundem em uma região onde não há espaço disponível para “a expectativa, o desejo, as lamentações ou o orgulho”. Viver se torna um dado abstrato, com uma dimensão de tirar o fôlego: o Silêncio. O movimento engloba pelo menos um “a partir de...” e um “até ...”. O Silêncio (com inicial maiúscula) é mais do que a ausência de barulho ou de movimento. É um ponto neutro: é a verdadeira aparência das coisas. É uma proposta permanente que se oferece para podermos trocar a agitação rotineira por uma posição privilegiada, atrás da segurança desse tracinho: o único lugar de onde podemos observar a nós mesmo tranquilamente exatamente como somos, sem sermos importunados pelo conflito entre o sim e o não, sem a agitação do vai e vem.



É um momento incrível de liberdade total, quando não precisamos fazer nada nem sermos nada. Curiosamente, damos um nome a essa região interior, em grande parte esquecida: “O Reino Imutável”. Poderíamos ainda chamá-la de Verdade ou de Estabilidade. Ela é estável, sim, mas não cristalizada! Contudo, é evidente que o Imutável deseja nos manter sempre em movimento rumo àquele tracinho atemporal e sem espaço, onde tudo acontece a toda velocidade e sem reflexão, enquanto o eu se mantém em repouso – parado mas atento, quase sem nenhuma ondulação, na intrincada confusão das impressões que perturba nossa alma. Esse tracinho não é nada mais nada menos que o arauto do espaço da verdadeira Vida, onde todas as atividades podem ser realizadas na força tranquila e espiritual do eterno presente. Verdade e Quietude são presentes do Reino no qual podemos adentrar, para levá-las conosco no caminho que devemos seguir: essa é a harmonia do eterno *Agora*, que só pode ser encontrada em corações humanos e irradiada para toda a humanidade! É a Voz do Coração, que não conhece o jogo dos opostos e que, por isso, é chamada de Bem Único. No surfar das ondas da vida cotidiana quase não a percebemos, mas seu ressoar já deve ter tocado muitas vezes nossos corações. ✪



O círculo duplo

Os antigos celtas possuíam um belíssimo símbolo para representar a interdependência da natureza com o mundo espiritual. Dois orbes, nos quais a parte inferior do superior e a parte superior do inferior se sobrepunham de maneira parcial, para formar, nessa intersecção conjunta, um “espaço de silêncio”. Por esse espaço e através dele passa um caminho de baixo para cima, frequentemente simbolizado por uma espada. É o símbolo de *chalice well* (“a fonte do cálice”) em Glastonbury.

Apesar de se tratar de uma figura bidimensional, tentaremos imaginar o símbolo em três, ou melhor ainda, em quatro dimensões. As cúpulas sobrepostas representam o mundo físico, o mundo espaço-temporal, de um lado, e o mundo espiritual e causal, do outro: *Abred*, o mundo da necessidade e limitação (no qual existimos) e *Gwynfyd*, o mundo da felicidade, da liberdade e da riqueza (os domínios do homem original). O lugar onde esses mundos se sobrepõem é chamado de *Vesica Pisces* – “bolha de peixes”, “o veículo que transporta a água da vida”. É o local onde a fonte da vida atravessa a matéria. Na antiguidade, as pessoas associavam esse oval ou mandorla com Vênus, com quem era estabelecida a firme ligação com o mistério do “vir a ser” ou do “doador da vida”, o demiurgo. Nos tempos cristãos, figuras de Cristo ou de Maria eram representadas ao lado de mandorlas como matriz, onde o Filho aparece como Luz ou Criação do Altíssimo. No sentido de libertação, podemos interpretar a mandorla como uma ponte entre o céu e a terra, um portal ou campo etérico, assim como a Escola Espiritual, cheia de frequências vibratórias, som, cor, luz e forças etéricas. Na quarta dimensão desse símbolo fluem as forças eternas de *Ceuqant*, o mundo original, Absoluto, que está acima de todas as formas e limitações. Essas frequências vibratórias envolvem todos os seres e fronteiras, na forma de amor, sabedoria e força, fluindo em direção aos dois mundos e penetrando-os.



Nota:

Glastonbury é uma pequena cidade do Condado Somerset, na Inglaterra, situada a 50 km ao sul de Bristol. Ela é particularmente notável pelos mitos e lendas a respeito de José de Arimatéia, do Santo Graal e do rei Artur. (Wikipedia)

Primeiros passos na vida superior

Quando compreendemos que o caminho da virtude é o caminho do conhecimento, e que antes de captarmos os princípios universais da base da verdade precisamos nos limitar a adquirir a perfeição nas esferas inferiores, então surgem as seguintes indagações: Como um discípulo da verdade pode dar os primeiros passos no caminho? Como um homem que aspira à perfeição de seu espírito e à purificação de seu coração (esse coração que é a fonte e o ponto de encontro de todas as fontes vitais) pode aprender as lições da verdade e assim elevar por si mesmo sua alma até o poder do conhecimento? Como ele poderá aniquilar a ignorância e as fraquezas da vida? Quais são os primeiros passos, as primeiras lições? Como ele deverá aprendê-las? Como elas devem ser aplicadas? Como elas devem ser conquistadas e finalmente compreendidas?



JAMES ALLEN

*Tenha sempre um sorriso para teu próximo,
peregrino, buscador como você.
A raiva só faz aumentar o sofrimento;
a bondade é medicina.
Não torne a estrada pesada
com a cólera em seu rosto –
uma palavra gentil, um sorriso doce
aliviam muitos fardos.*

E. Wheeler-Cox

As primeiras lições consistem ao mesmo tempo em aprender a ultrapassar os estados de espírito errôneos que são os mais fáceis de serem erradicados e que constituem obstáculos mais comuns ao progresso espiritual, e também em cultivar as primeiras virtudes cotidianas e sociais. Para ficar mais fácil, vamos repartir as dez primeiras lições em três categorias. Assim:

Os vícios que precisam ser ultrapassados

Os vícios do corpo

Primeira lição:

A disciplina do corpo.

Vencer:

A indolência (gula); a auto-complacência (os excessos).

Os vícios da língua

Segunda lição:

A disciplina da língua.

Vencer:

A fofoca, calúnias e conversas superficiais; as acusações e insultos.

A linguagem impensada e desrespeitosa.

A hipocrisia e a crítica dolorosa.

Virtudes a serem adquiridas e praticadas

A terceira lição:

Disciplinar tendências.

Saiba como:

Exercer suas funções abnegadamente. Possuir a retidão de uma espada. Praticar a disposição ao perdão absoluto.

O primeiro passo para controlar nosso espírito é ultrapassar nossa lentidão

Os dois vícios do corpo e os cinco da língua são assim chamados porque eles se manifestam através do corpo e da língua e, ao serem assim classificados, serão mais facilmente memorizados pelo aluno. É preciso compreender muito bem que esses vícios vêm da mente: são estados equivocados do coração que se manifestam por meio do corpo e da língua. A existência de estados como esses é uma prova de que a luz ainda não surgiu no espírito do homem no verdadeiro significado da vida. Por isso, tomar as rédeas e acabar com eles é o início de uma existência virtuosa, inabalável e iluminada. Mas como poderemos vencer esses vícios? Primeiro, impedindo que eles se expressem e dominando-os. Ao nos abstermos de cometer um ato equivocado, nossa consciência é impulsionada a vigiar e refletir, até que, depois de uma prática repetida, ela consegue perceber e compreender, e finalmente esquece totalmente os estados sombrios e equivocados que originaram esses atos. O primeiro passo para dominar o espírito é ultrapassar a indolência física. É também o mais fácil! Não conseguiremos dar os passos seguintes antes de ter dado firmemente esse primeiro passo. Afinal, continuar aprisionado na lentidão é um entrave bastante pesado no caminho da verdade. A lentidão consiste em dar

mais horas de sono e alimento ao corpo do que ele tem necessidade, ou sempre deixar para depois as coisas que exigem nossa atenção imediata. Podemos ultrapassar essa preguiça acordando bem cedo, dando ao corpo o sono que ele precisa e não mais do que isso, e cumprindo prontamente todas as tarefas que se apresentem, por mais insignificantes que sejam. De modo algum deveremos levar comidas e bebidas para nossa cama, ou ficar deitados depois de acordar, para sonhar de olhos abertos ou simplesmente nos entregarmos à indolência. Esses hábitos são nocivos e impedem que estejamos prontos e com o caráter firme e puro. É impossível conseguirmos pensar com firmeza, pureza e verdadeiramente nessas circunstâncias. As pessoas vão para cama para dormir, não para pensar, assim como se levantam para refletir e trabalhar – e não para dormir.

O passo seguinte consiste em ultrapassar a auto-complacência ou a gula. Quem é guloso somente come para satisfazer sua vontade e ingere mais do que seu corpo tem necessidade, perdendo de vista a verdadeira finalidade do ato de comer. Somente conseguiremos ultrapassar esses hábitos quando diminuirmos aos poucos a quantidade de alimento e o número de refeições diárias mantendo um regime alimentar bem simples. (...) Além disso, precisamos saber que uma transformação do coração é o único necessário e que uma mudança de regime alimentar que não busca esse objetivo é inútil. Uma pessoa que se alimenta por prazer é gulosa. Mas o coração pode ser purificado da avidez – do desejo sensual ardente, do apetite guloso. Quando o corpo está bem controlado e é conduzido com firmeza, quando realizamos corajosamente o que temos de realizar e não adiamos nenhuma tarefa, quando nos levantamos cedo e sentimos prazer em fazer isso, quando a sobriedade, a moderação e abstinência estão firmemente confirmadas e se tornaram uma segunda natureza em nós, quando nos contentamos com a refeição que nos é servida, por mais sóbria e simples que seja, e quando o desejo de consumir pratos gulosos já não se faz sentir impetuosamente, então já demos o primeiro passo rumo à vida superior. Nesse momento, realmente aprendemos a primeira lição.

É assim que colocamos em nosso coração o alicerce para uma vida equilibrada, controlada e virtuosa.

A lição seguinte é a da utilização de uma linguagem justa que compreende cinco etapas sucessivas. O primeiro passo deve ser superar a maledicência. A calúnia ou difamação consiste em inventar ou contar algo sobre as más ações das outras pessoas (conhecidos ou amigos ausentes), ou expor e exagerar os erros que elas cometeram e insinuar coisas indignas a respeito delas. Os elementos de irreflexão, de crueldade, de hipocrisia e mentira estão presentes em todo ato de calúnia. Aquele que tem como objetivo levar uma vida virtuosa começará por reprimir as palavras cruéis e caluniosas antes que elas saiam de sua boca, para depois erradicar o pensamento insidioso que as originou. Ficará atento para não colocar ninguém em descrédito, nem denegrir ou julgará o amigo de quem acaba de apertar a mão. Não dirá nada do outro – nada que ele não possa ouvir. Quando tiver progredido de tal modo que as personalidades dos outros serão para ele tão sagradas quanto sua re-

putação, então destruirá em seu espírito os estados equivocados que estão na origem da maledicência.

O passo seguinte consiste em acabarmos com nossa tendência à tagarelice e conversas inúteis.

Fazer fofoca é falar da vida dos outros, falar para matar o tempo e participar de conversas que não têm nenhum objetivo. Tudo isso é a manifestação de um espírito desordenado. Quem sabe segurar sua língua pode também ordenar seus pensamentos. Sua linguagem será firme e pura e, quando essa pessoa já não tiver nenhuma razão para falar, ela se calará. Xingar e dizer palavrões são grosserias que logo devem ser ultrapassadas. Quem insulta e acusa seus semelhantes está muito longe do caminho certo. Quando sentimos crescer dentro de nós o impulso para xingar e criticar os outros, precisamos segurar nossa língua e olhar para dentro de nós mesmos. O ser humano de alma plena se abstém de proferir injúrias e evita discussões. Ele utiliza poucas palavras: só usa palavras úteis, necessárias, verdadeiras e puras.

O passo seguinte consiste em acabar com nossas atitudes vulgares.

Quando estamos em busca da verdade, precisamos nos abster de tudo isto: palavras irrefletidas e fúteis, repetição de brincadeiras grosseiras; o costume de contar piadas sujas com o objetivo único de provocar risadas vazias; intimidades que denotam baixaza; o uso de palavras de menosprezo quando falamos com outras pessoas ou quando falamos a respeito delas (principalmente com pessoas idosas, professores, cuidadores ou nossos superiores). Muitas vezes rebaixamos “pelas costas” membros de nossa família, amigos ou conhecidos, somente para provocar risadas momentâneas. Desse modo, o aspecto sagrado da vida é sacrificado em prol de um prazer infame de ridicularizar

alguém. Quando deixamos de respeitar as outras pessoas, de demonstrar-lhes a devida deferência, estamos abandonando o Bem. Quando deixamos de lado a modéstia, a seriedade e a dignidade de nossas conversas e de nosso comportamento, a verdade se perde. Sim: até a porta que conduz à verdade se esconde e se fecha para nós. A falta de respeito é indigna entre os jovens, mas é ainda mais lamentável quando é encorajada por pessoas de cabelos grisalhos! Quando esse mau exemplo é seguido, podemos dizer que se trata de um cego conduzindo outros cegos. Assim, tanto os guias como os que os seguem se desencaminharão.

Por outro lado, um ser-alma irá falar com seriedade, benevolência e respeito. Irá abster-se de pensar ou de falar mal e ficará atento para não renunciar à sua dignidade em troca de um acesso de frivolidade passageiro. Como irá se comportar como um ser que conhece a Verdade e a serve, sentirá uma alegria muito mais pura e mais harmoniosa e sua alma estará mais plena de gratidão e de bondade.

O quinto passo da segunda lição é ultrapassarmos a hipocrisia e a crítica em relação às outras pessoas.

Essas fraquezas consistem em aumentar e censurar tudo o que parece ser um defeito ou uma falha, em fazer intrigas ou “cutucar a ferida”, analisando minuciosamente suposições infundadas. Não conseguiremos curar nossas falhas, nem a dor, nem o sofrimento questionando arrogantemente ou discutindo com as pessoas. Quem fica sempre correndo atrás do que os outros falam para poder contradizê-los ainda está precisando procurar o sagrado caminho da vida de rendição do eu. Já quem sempre está atento para filtrar suas palavras a fim de suavizá-las e purificá-las irá encontrar esse caminho e a vida. Comportando-se assim, economizará suas forças e conservará seu equilíbrio espiritual. Quando conseguirmos dominar nossa língua, quando os impulsos egoístas e os pensamentos indignos já não nos forçarem a expressá-los, quando nossas conversas se tornarem inofensivas, puras, benevolentes e cheias de significado, quando todas as nossas palavras forem pronunciadas com sinceridade e amor ao próximo, então teremos aprendido a segunda grande lição sobre a Verdade.

Mas para que serviria todo esse domínio do corpo, essa contenção de tudo o que diz respeito à língua? Será que a vida superior não poderia ser realizada sem todos esses esforços, sem todo esse sofrimento ininterrupto, sem toda essa vigilância?

Não. Isso não é possível. Na vida espiritual, assim como na vida material, nada se realiza sem esforço e o que é superior não pode ser conhecido sem que antes o inferior seja dominado. Como poderíamos fabricar uma mesa sem antes termos aprendido a utilizar as ferramentas e sem saber pregar um prego sequer? Seria possível formamos nosso espírito de acordo com a Verdade sem antes termos vencido a escravidão do corpo? Do mesmo modo como não conseguiríamos aprender as sutilezas de uma língua antes de conhecermos bem o alfabeto e as palavras simples, não poderemos compreender e utilizar as riquezas do espírito antes de termos adquirido o be-a-bá do comportamento correto. Quanto ao esforço, precisamos nos consolar com

a ideia de que, se nos esforçamos com o objetivo de nos tornarmos excelentes músicos, pintores, escritores ou em qualquer outra atividade, também conseguiremos estar dispostos a consagrar nossas vidas para esse objetivo! E então: deveríamos ter medo de fazer o esforço necessário para alcançar a maior perfeição de que o ser humano é capaz? Quem diz: “O caminho que você está nos mostrando é muito difícil! Quero alcançar a Verdade sem esforço, quero conseguir a salvação sem sofrimento!”, essa pessoa não encontrará o caminho de saída da confusão e da mistificação de si mesma! Ela não encontrará aquilo que traria uma existência ordenada, um espírito firme e calmo e uma harmoniosa vida de alma. Para uma pessoa como essa, a busca da Verdade não é essencial: ela se importa mais com o conforto e o prazer. Quem ama a Verdade do fundo de seu coração e aspira a conhecê-la não poupará esforços! Pelo contrário: com alegria e perseverança, fará tudo para alcançar o verdadeiro Conhecimento.

Compreenderemos um pouco mais a disciplina do corpo e da língua quando virmos dentro de nós a origem de nossas falhas exteriores. Um corpo lento demonstra um espírito lento; uma língua descontrolada mostra um espírito não dominado. E, como já vimos, o exercício que cura esses estados que revelamos em nós é, na realidade, um método para melhorarmos

Quem negligencia suas obrigações negligencia a Virtude

.....

nosso estado interior. Mais ainda: o controle de todas essas coisas é apenas uma pequena parte de tudo o que esse processo nos traz de verdade. Quando nos abstermos do Mal, estamos nos preparando para praticar o Bem: um exercício está inseparavelmente ligado ao outro. Quando tentamos vencer nossa lentidão e auto-piedade, estamos desenvolvendo sobriedade, moderação, pontualidade e abnegação: conquistamos força, energia e a estabilidade de nossa vontade – pontos que são indispensáveis para quem deseja cumprir seus deveres superiores com sucesso.

Quando alguém consegue superar os vícios de sua língua, faz crescer em si o amor pela Verdade, o devotamento, o respeito, a benevolência e o auto-domínio, além de adquirir essa perseverança espiritual, essa certeza com relação ao objetivo único. Sem esses pontos, as forças mais sutis da Alma-Espírito não podem ser conquistadas – e sem essas forças essa pessoa não poderia alcançar o estado de consciência superior. Quando um ser humano aprende a ser realmente bom, seu conhecimento é mais profundo, sua compreensão vai crescendo e se ajustando. Assim como o coração da criança se alegra quando fez seus deveres escolares com capricho, a pessoa que pratica a virtude sente a cada vitória uma alegria que que jamais será sentida por quem busca diversão e uma vida excitante.

E então chegamos à terceira lição: a prática e a assimilação de três grandes virtudes fundamentais: 1. O fato de cumprir seus deveres de maneira desinteressada; 2. A retidão; 3. O impulso de perdoar incondicionalmente.

Quem já superou esses estados mencionados nas duas primeiras lições se vê diante de uma tarefa ainda maior e mais difícil: aprender a direcionar e purificar os desejos mais profundos de seu coração. Os valores mais elevados da alma somente podem ser conhecidos com a observação dos deveres. Assim, a Verdade será compreendida! Geralmente consideramos o cumprimento do dever uma tarefa muito aborrecida, um constrangimento contra o qual precisamos lutar ou que tentamos contornar de um modo ou de outro. Esse ponto de vista provém de um estado de espírito egoísta e de uma ideia equivocada sobre a vida. Na verdade, todos os nossos deveres precisam ser vistos como algo sagrado, cuja realização fiel e desinteressada constitui uma das principais regras de conduta. Devemos deixar para trás todo e qualquer impulso pessoal. Quando conseguirmos fazer isso, o dever se transformará em grande alegria! Ele somente será desagradável para quem aspira ao prazer egoísta ou ao seu proveito pessoal. Se o homem que se irrita com suas tarefas tediosas olhar para dentro de si mesmo, vai observar que seu descontentamento não vem das tarefas em si, mas sim de seu desejo mesquinho de fugir delas. Quem negligencia seus deveres, sejam eles pequenos ou grandes, de natureza geral ou particular, negligencia a Virtude. Quem se revolta, em seu coração, contra seus próprios deveres, revolta-se contra a Virtude. Quando nossas obrigações se tornam um caso de amor e quando todas as tarefas sérias são cumpridas conscienciosamente, fiel e desinteressadamente, é sinal de que uma grande parte do egoísmo já foi banida de nosso coração e que já progredimos bastante rumo às alturas da Verdade. O ser humano realmente bom reforça seu espírito até a consumação total e perfeita de suas próprias

obrigações e não se implica com as obrigações alheias.

O segundo passo de nossa terceira lição é a retidão. A aspiração a essa virtude precisa ser ancorada solidamente no Espírito e perpassar por todas as ações da vida do ser humano. Precisamos banir para sempre toda e qualquer desonestidade, simulação ou engano. Nosso coração precisa ser purificado do mais leve traço de hipocrisia e de embuste. A menor negligência no que diz respeito à integridade é um desvio do caminho da Virtude. O descomedimento e o exagero são inúteis, mas a simples Verdade precisa ser reconhecida. A tentativa de enganar, por mais insignificante que possa parecer, pode se vangloriar de conseguir uma pequena vantagem, mas é uma forma de autoengano que precisamos tentar evitar. O que se espera de um homem virtuoso não é apenas que ele pratique a mais rigorosa honestidade de pensamento, palavra e ações, mas também que ele seja escrupuloso em suas declarações, nunca adicionando nada à Verdade e também nada retirando dela.

Assim, ao formarmos nosso espírito de acordo com o princípio da retidão, iremos aos poucos considerar os homens e as coisas de modo justo e objetivo, praticando a justiça para todos e nos libertando de preconceitos pessoais. Quando conseguirmos fazer isso, quando nos imunizarmos contra toda e qualquer tentação de mentira e hipocrisia, então nosso caráter será reforçado e o conhecimento se aprofundará. A vida terá novo significado e nova força!

O terceiro passo consiste, primeiramente, em nos desfazermos do sentimento de humilhação e de indignação que nascem do orgulho e da vaidade, do egoísmo e da altivez; depois, em segundo lugar, consiste em praticar a caridade desinteressada (o verdadeiro Amor preconizado pelo cristianismo interior) e a tolerância com relação a todas as pessoas. O rancor, o desprezo e

a vingança são vis, baixos e indignos de um ser humano realmente virtuoso. Quem alimenta esse tipo de pensamento em seu coração não pode de modo algum se elevar e sair do nível animalesco e sofredor, nem saberá conduzir sua vida adequadamente. Somente quem não é tocado por essas coisas verá diante de si o Caminho da Vida: somente desenvolvendo a clemência e a compaixão é que ele poderá ter esperanças na Força e na Beleza de uma Vida boa e saudável. No coração de um ser humano forte e virtuoso, não poderá surgir nenhum sentimento de ofensa pessoal. Afinal, ele deixou para trás todos os pensamentos de vingança e não tem inimigos. E mesmo que haja seres humanos que se façam passar por inimigos, ele os trará para dentro de seu coração, compreendendo e suportando sua ignorância. Quando atingirmos esse estado de coração, daremos o terceiro passo de autodisciplina, observando nossas más tendências. Nesse ponto, a terceira lição importante sobre a Virtude e o Conhecimento já estará aprendida e assimilada.

Agora que os dez primeiros passos e as três lições sobre o bom comportamento e o pensamento correto já foram explicados, deixo aos leitores o cuidado de colocá-los em prática em suas vidas cotidianas. É claro que sempre haverá uma disciplina ainda mais perfeita do corpo a ser forjada e um domínio da língua que vá ainda mais longe. Haverá ainda mais virtudes exaustivas para adquirirmos e compreendermos antes de podermos atingir o estado de beatitude mais elevado, mas o objetivo não é desenvolvê-las aqui. Apenas indiquei as primeiras lições mais fáceis. Quando elas forem completamente assimiladas, o leitor estará purificado, fortificado e esclarecido de tal modo que o Caminho do Conhecimento superior já não será obscuro para ele.

Aqueles que completaram as três lições irão observar que ainda há muitos elevados picos da verdade e mentira em torno de si e que um caminho estreito e rígido leva até ele. Eles poderão decidir por si mesmos se desejam segui-lo. O caminho que mostrei pode ser percorrido por todos, em prol de cada um e do mundo. Quem tentar aperfeiçoar-se desse modo desenvolverá sua faculdade de pensamento e obterá uma força de espírito maior: eles irão adquirir um julgamento mais sutil e uma paz de alma mais profunda. Sua prosperidade material também não passará por nenhum prejuízo depois que eles se voltarem para seu interior – pelo contrário! Porque, se alguém está pronto para vencer e ter sucesso é exatamente esse ser humano que diz adeus a seus pequenos erros e aos vícios cotidianos de sua espécie. Quem é forte na arte de dominar seu corpo e seu espírito, com perseverança, seguirá o caminho da probidade inabalável e da verdadeira Virtude. ★

*Novos deuses, novos princípios,
e há sempre outro caminho novo;
o mundo não precisa mais
do que “mais amor”.*

E. Wheeler-Cox

James Allen

James Allen é um trabalhador a serviço do Espírito que, em nossos dias, é totalmente desconhecido. Ele viveu entre 1864 e 1912. Em 1879, quando ele tinha 15 anos, seu pai, que trabalhava com lã, abriu falência e partiu para os Estados Unidos em busca de um novo futuro para sua família. No entanto, dois dias depois de sua chegada à América, ele foi assaltado e assassinado. Foi por isso que James, com a idade de 15 anos, precisou por fim deixar a escola e trabalhar para alimentar sua família, como secretário particular. A partir de 1902, ele decidiu dedicar todo o seu tempo a escrever. Durante os nove anos que lhe restaram, ele redigiu dezenove livros. Mudou-se para Ilfracombe, uma pequena cidade balneária, no sudoeste da costa inglesa, cheia de hotéis vitorianos florescentes e colinas suaves, o que lhe proporcionou uma atmosfera tranquila para trabalhar. Seu primeiro livro foi *From Poverty to Power* (Da pobreza à riqueza ou A realização da felicidade e da paz). Quanto a seu segundo livro *As a Man Thinketh* (Como um homem pensa) ele ficou bastante insatisfeito, mas sua esposa Lily o persuadiu a publicá-lo assim mesmo. Foi um grande *best-seller*! O ideal de vida de James Allen foi o mesmo de Leon Tolstói – um ideal que ele compartilhava com milhares de outros buscadores nos anos 1900, que aspiravam sinceramente viver uma vida de pobreza, de trabalho manual e de virtude, realizável por autodisciplina. Assim como Tolstói, Allen tentava aperfeiçoar sua alma. Assim como Tolstói, ele escrevia durante a manhã, trabalhava no jardim durante a tarde e as noites ele reservava para entrevistas e conversas com as pes-

soas interessadas em sua atividade. Assim como Jacob Boehme, ele causava grande impressão ao seu redor por sua aparência, suas conversas suaves e seu hábito de entrar em contato com a natureza ao alvorecer para refletir e contemplar. Assim como Buda, ele ensinava: “Tudo o que somos é o resultado de nossos pensamentos. Tudo o que um homem pensa em seu coração é o que ele é”. É por isso que Allen atrai a atenção sobre a força própria do indivíduo e a capacidade do coração de transformar o caráter – como podemos ver em seu artigo que foi impresso para demonstrar isso. Os pensamentos e o caráter são uma só coisa, diz ele, e as situações exteriores da vida refletem frequentemente um estado interior. Consideradas desse modo, essas circunstâncias são indispensáveis para os acontecimentos futuros. James Allen afirma que pensar corretamente é o motor mais dinâmico que leva à rendição do eu. Porque, o pensamento correto leva à ação correta. Nós nos tornamos espiritualmente ricos quando empreendemos essa aventura interior – a restauração do pensamento – quando estamos conscientes da unidade de todas as vidas, quando aprendemos a escutar a voz do coração com a força da contemplação, quanto sentimos e vivenciamos nossa relação com a natureza. O pensamento de Allen é uma mensagem de esperança que seguramos com mãos limpas. É certo que somos sacudidos para lá e para cá pela violência descontrolada de nossa impulsividade instintiva. A tristeza humana pode ser esmagadora e muitas vezes somos soterrados pelo medo e pela dúvida. Apenas o homem sábio que purifica seu pensamento



e seu coração faz que os ventos e as tempestades da alma diminuam e obedeçam à grande Luz interior. Há duas verdades essenciais, diz Allen: você está hoje onde seus pensamentos o conduziram, e hoje você é o arquiteto do seu futuro. O que James Allen nos ensina é extremamente prático. Ele nunca enunciou teorias pelo simples prazer de escrever, mas somente quando tinha uma mensagem a transmitir. Assim como Gandhi, ele somente comunicava uma informação a outra pessoa quando ele mesmo já a havia colocado à prova e reconhecido que era boa. O que escreveu ele mesmo já havia verificado na prática. ★



A revista **Pentagrama** é publicada quatro vezes por ano em alemão, inglês, espanhol, francês, húngaro, holandês, português, búlgaro, finlandês, grego, italiano, polonês, russo, eslovaco, sueco e tcheco.

Edição
Rozezkruis Pers

Redação Final
Peter Huijs

Redação
Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Lex van den Brul

Diagramação
Studio Ivar Hamelink

Secretaria
Kees Bode, Anneke Stokman - Griever

Redação
Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: info@rozezkruispers.com

Edição brasileira
Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Publicação digital
Acesso gratuito

Responsável pela Edição Brasileira
Adriana Ponte

Coordenação, tradução e revisão
Adriana Ponte, Rossana Cilento, Amana da Matta, Carlos Gomes, José de Jesus, Marcia Moraes, Mariana Limoeiro, Marlene Tuacek, Mercês Rocha, Rafael Albert, Ana Maria Pellegrino, Ellika Trindade, Lino Meyer, Marcílio Mendonça, Rafaela Furlan e Urs Schmid

Diagramação, capa e interior
Junior Damasceno

Lectorium Rosicrucianum
Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & fax: (11) 3208-8682
www.rosacruzarea.org.br
info@rosacruzarea.org.br

Sede em Portugal
Praça Anónio Sardinha, 3A (Penha de França)
1170-022 Lisboa
lisboa@rosacruzarea.org
portugal@rosacruzarea.org

© Stichting Rozezkruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

COLABORAÇÕES

- Campos brancos
- Ponte de luz em Mostar
- Iniciação – Iluminação – Libertação
- Primeiros passos na vida superior
- Contos de fada para 2016
- Arminius e Exsternsteine
- Experiências chocantes
- Um traço
- Sobre o Caminho

SEÇÕES

- Coluna: Dois tipos de tempo para dois mundos
- Símbolo: O círculo duplo

ENSAIO

- O legado de Carl Gustav Jung

